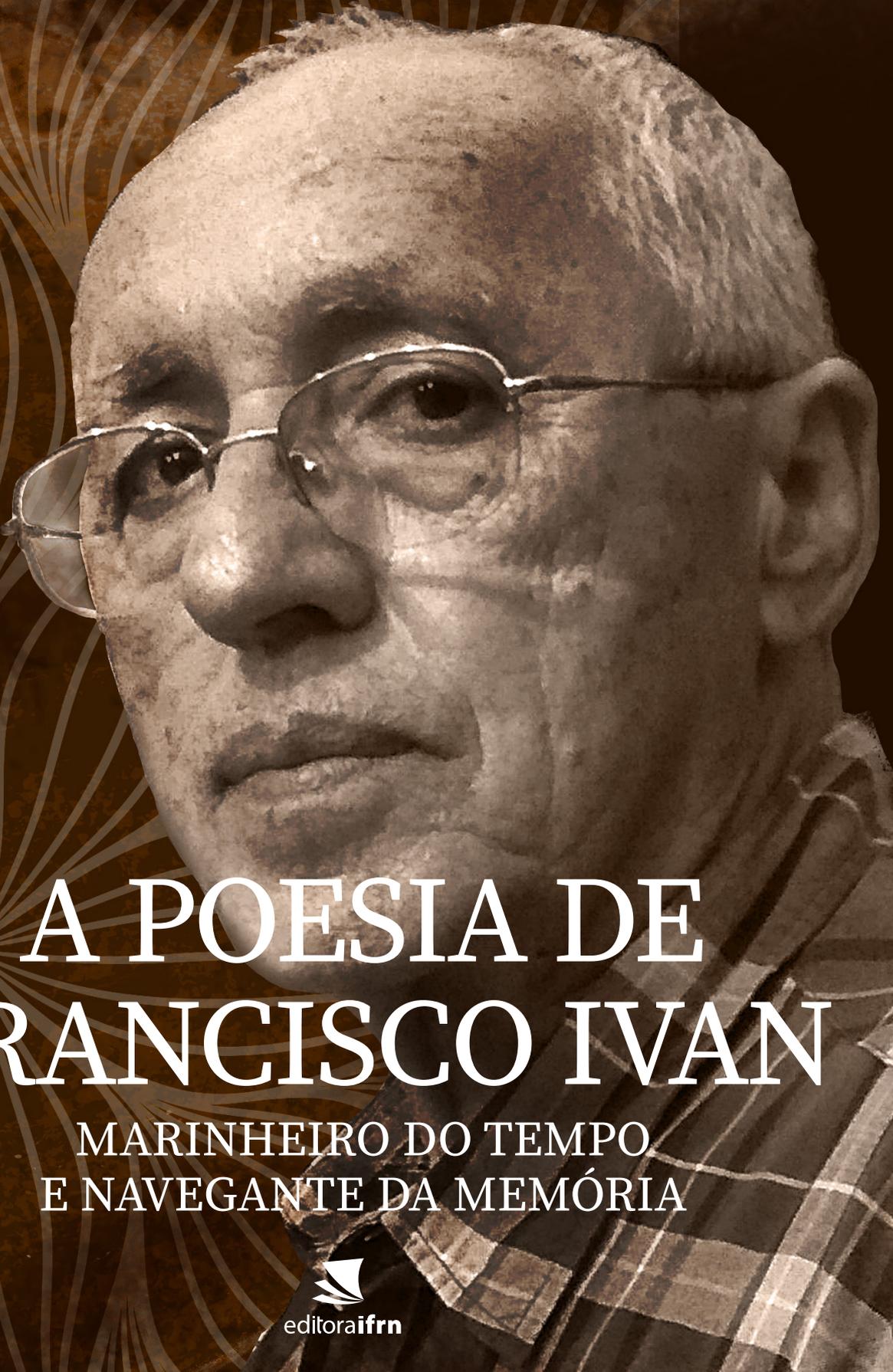


CIRO SOARES DOS SANTOS

A close-up, black and white portrait of an elderly man with glasses, looking slightly to the left. The background is a dark, textured pattern of light-colored, radiating lines.

A POESIA DE FRANCISCO IVAN

MARINHEIRO DO TEMPO
E NAVEGANTE DA MEMÓRIA


editoraifrn

CIRO SOARES DOS SANTOS

A POESIA DE FRANCISCO IVAN

MARINHEIRO DO TEMPO
E NAVEGANTE DA MEMÓRIA



editoraifrn

Natal, 2021

Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação
Milton Ribeiro

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica
Tomás Dias Santana



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte

Reitor

José Arnóbio de Araújo Filho

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação

Avelino Aldo de Lima Neto

Coordenadora da Editora IFRN

Gabriela Dalila Bezerra Raulino

Conselho Editorial

Conselho Editorial

Avelino Aldo de Lima Neto
Ana Lúcia Sarmento Henrique
Anderson Luiz Pinheiro de Oliveira
Annaterra Teixeira de Lima
Cláudia Battestin
Claudia Pereira de Lima Parente
Danila Kelly Pereira Neri
Denise Cristina Momo
Diogo Pereira Bezerra
Elizomar de Assis Nobre
Emanuel Neto Alves de Oliveira
Emiliana Souza Soares
Francinaide de Lima Silva Nascimento
Gabriela Dalila Bezerra Raulino
Jean Leite Tavares
José Carlos Morgado

José Everaldo Pereira
Julie Thomas
Lenina Lopes Soares Silva
Luciana Maria Araújo Rabelo
Maria da Conceição de Almeida
Maria Jalila Vieira de Figueiredo Leite
Marcelo Nunes Coelho
Marcio Monteiro Maia
Miler Franco D Anjour
Neyvan Renato Rodrigues da Silva
Paulo Pereira da Silva
Rebeka Caroca Seixas
Renato Samuel Barbosa de Araujo
Rodrigo Luiz Silva Pessoa
Samuel de Carvalho Lira
Sílvia Regina Pereira de Mendonca

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Charles Bamam Medeiros de Souza

Revisão Linguística

Midiã Ellen White de Aquino

Prefixo editorial: Editora IFRN

Linha Editorial: Artístico-literária

Disponível para *download* em:

<http://memoria.ifrn.edu.br>



Contato

Endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol.

CEP: 59015-300, Natal-RN.

Fone: (84) 4005-0763 | E-mail: editora@ifrn.edu.br



Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.
As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.
É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

S237p	Santos, Ciro Soares dos. A poesia de Francisco Ivan : marinheiro do tempo e navegante da memória [livro eletrônico] / Ciro Soares dos Santos. – Natal : IFRN, 2021. 140 p. ; PDF
	Bibliografia. ISBN: 978-65-86293-87-6
	1. Poesia. 2. Relatos de viagem - Poesia. 3. Francisco Ivan- Poeta antológico. I. Título.
IFRN/SIBi	CDU 82-1

Divisão de Serviços Técnicos
Catalogação da publicação na fonte elaborada pela Bibliotecária
Marise Lemos Ribeiro – CRB-15/418

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS 7

1. INTRODUÇÃO 11

2. UM POETA VIAJANTE: MARES DO TEMPO, ITINERÁRIO
DA MEMÓRIA 17

NO JARDIM... 21

AO MAR... 43

AO SERTÃO 55

EM RETORNO 77

3. UM JARDIM REVISITADO: BARROCO, POEMAS,
FOTOGRAFIAS 89

O JARDIM 90

O BARROCO 92

POEMAS E FOTOGRAFIAS 95

4. UM POETA ANTOLÓGICO: FRANCISCO IVAN DA SILVA,
A PRÁTICA ANTOLÓGICA, O SIGNO BARROCO 111

O POETA FRANCISCO IVAN 112

A PRÁTICA ANTOLÓGICA 113

O SIGNO BARROCO 119

A ANTOLOGIA DE FRANCISCO IVAN 123

5. UM CONVITE À RELEITURA 131

REFERÊNCIAS 134

AGRADECIMENTOS

Este livro foi concebido como possível durante uma exposição poético-fotográfica, intitulada *Um jardim para Adriano*, realizada na Cidade de Macau no Instituto Federal no ano de 2018. Algumas pessoas alimentaram a ideia e contribuíram para sua execução. Cronologicamente, seguem os meus agradecimentos.

Ao então Diretor Geral Varélio Gomes dos Santos pelo apoio institucional imediato à ideia originária deste livro [um corredor inteiro ocupado durante o maior evento do campus IFRN-Macau foi generosidade endossar];

Ao servidor Antônio Felipe Fernandes de Araújo pela formatação de imagens para exposição com poemas [duas tardes, entre inúmeros pedidos, me atender foi abdicção];

Ao servidor Charles Bama Medeiros de Souza pela impressão das fotografias do poeta;

À professora Ivana dos Santos de Lima e Souza Costa pelas orientações técnicas necessárias à exposição iniciadora desta publicação;

Às então estudantes de biologia Kauanny Kelly de Freitas Silva, Aldeize de Freitas Teixeira, Wesleyane da Silva Felix e ao então estudante de administração Yuri Lomay Fernandes Barboza pelo trabalho de apoio durante a exposição [foi muito bom tanto salgadinho com suco após cada turno de trabalho];

À professora Cynthia Israelly Barbalho Dionísio Soares pela leitura reformuladora do esboço inicial para a reunião poética se encaminhar para ser uma antologia;

O meu muito obrigado por me fazerem conseguir compartilhar com o público leitor minha imagem de poeta dele que é uma das pessoas mais importantes de minha vida.

À Cynthia Soares e ao nosso amor...
Catarina Amelie Dionísio Soares, vida em nós.



SIGNOS
IN
EXCELSIS

1

INTRODUÇÃO

Com o título *A poesia de Francisco Ivan: marinheiro do tempo e navegante da memória*, quero apresentar uma parte da obra ivaniana capaz de representar o todo de sua poética. A integralidade do discurso do autor é perpassada pela presença do mar, como vai na confissão da dedicatória do longo poema *Thálassa* (2008a), ofertado assim pelo poeta: “o filho que das coisas do mar foi ilustrado” para sua mãe. O seu *Sertanejo no mar* recebe uma compreensão da psicanalista Mirian Chnaiderman (2018, p. 9) muito conveniente para a imagem poética de Francisco Ivan desta antologia como escritor que “perscruta uma história de vida mantendo perplexidades e aceitando oxímoros” (CHNAIDERMAN, 2018, p. 9). O título deste nosso livro, caro leitor, cara leitora, vai representar para você que o poeta lido mostra-nos a sabedoria de viver intensamente cada ir e vir das ondas do mar-vida sem lamúria, sem desesperação, antes com a doação do excelso que se possa ofertar à vida, no caso do nosso escritor, poesia.

Mais uma palavra para ajudar a entender o nome de nosso livro, tal como será compreendido após sua leitura, quero dizer. O poeta capitão da nau do tempo nas águas da memória está a transformar a paisagem do mundo e a transformar nossos mundos, conforme o entende a psicanalista Mirian Chnaiderman (2018). Isso ocorre tanto em seus livros de poemas quanto na seleção de poemas comentada que ofereço neste título para apreciação do público. Temos diante de nós uma poesia de luto e de luta, de vento e de vela, de prazer e de dor, de esquecimento e de memória. Ouviremos um poeta a declarar que “ao presente não convém chorar o passado”, como registra ao introduzir o seu *Hieróglifos* (2015).

O título dado a esta reunião de poesia serve para ensaiar os temas de renascimento e de luto, cuja constatação, por força da operação associativa dos poemas, fará ser maravilhoso recitá-los. São composições feitas para o prazer intelectual tanto quanto eram as elaboradas pelos poetas barrocos para o público identificar o modelo imitado e a diferenciação operada sobre ele. As tomadas focais das fotografias de instantes de vida poética de Francisco Ivan, agora reunidas em nossa mão, podem nos causar perplexidade, inquietação e instabilidade, assim como podem gerar ensino, reflexão, paixão. Os artifícios poéticos, de

que lança mão o poeta, podem deixar seus textos iluminados em nossa memória sem jamais caírem na escuridão do esquecimento.

Não encontrará o leitor uma busca por trilhar os labirintos da erudição do poeta de vida compenetrada a viver leitura licenciosamente profunda. Aliás, todos os poemas selecionados podem bem ser saboreados sem precisarmos ir em busca de dados enciclopédicos. Abertas nossas consciências para ler a obra de Francisco Ivan, poderemos ver a atitude literária de um intelectual que traz em sua poesia uma festiva melancolia. Desnecessário assombro diante dessa assertiva, pois trata-se de uma poesia de festejo no criar mesmo em ação sobre os temas mais ardorosos para o espírito. Fiz para mim esse poeta antes de organizar este livro para deixar cada qual que o leia fazer para si seu poeta também, aproveitando a lógica de um livro como este: uma “antologia que é, simultaneamente, ressurgimento, rejuvenescimento e inserção no tempo” (IVAN DA SILVA, 2020a, p. 30).

Os poemas organizados como relato de uma viagem de saída dentro de um jardim para ir ao mar e ao sertão, uma passagem de dentro de si para encontrar o outro via discurso poético, fazem pensar a memória na passagem do tempo. Não será um tempo concreto e pessoal o infundido nos espíritos de quem os leia, mas o instante eterno da contemplação, assim como o tempo dolorosamente vivificante do luto, assim como o tempo da revivência, o tempo do esquecimento. O instante da leitura testemunhará um tempo sem relógio, o tempo do eterno agora da memória; não o tempo grandeza matemática, mas o tempo sempre presente de quem revive.

Os poemas reordenados para produzir relato permitem que se veja mais da sua linguagem de correspondências com memórias do que se estivessem dispersos em variados livros. As memórias atribuíveis ao poeta poderiam ser de todas as pessoas, mas somente uma ação poética de quem tem no cotidiano o rito habitual de ler poesia poderia transpor cogitáveis experiências pessoais de factuais vivências universais. Mais proveitoso do que tentar ver a vida do poeta permeando seus textos será o desfrute da inteligência do leitor e da leitora em exercício de abertura para apreender tamanha dimensão humana da poesia ivaniana. Trata-se de um exercício bastante curioso o de tentar pensar que o poeta seria alguém a quem pouca coisa tenha ocorrido e a que muita coisa tenha lido. Trata-se também tal exercício de esquecer de alguém que felizmente é Ivan para se pensar em poesia de suicídio e de nascimento, de desdita e de júbilo. Sim, poesia, daí ser belo o prazer da descoberta das formas de dizer ao reler cada poema como se alguém os declamasse. Há de ser um momento de suspensão no tempo o vivido assim na descoberta da poesia e na evasão da reflexão como “um escape do barulho e das manifestações ideológicas”, como o diz ser a literatura de Borges o nosso poeta do tempo e da memória (IVAN DA SILVA, 2020a, p. 55).

São os poemas desta amostra *A poesia de Francisco Ivan: marinheiro do tempo e navegante da memória* aqueles que “acenam para a beleza das coisas mais simples, a beleza fugaz do instante”, como diz de seu fazer o poeta em *Signos In Excelsis* (2015). O poeta apresentado aqui

é descoberto por mim quando o revisei em noites de vigília à procura da poesia. Diante dele, eu retransmito o protocolo de leitura por mim obedecido: o leitor deve se “colocar de forma inteira, fazendo brotar todos os sentidos das coisas, revendo e refletindo sua própria experiência humana” (IVAN DA SILVA, 2015, p. 7). Tome, pois, o percurso de viagem quem leia os poemas selecionados e os comentários a propósito deles tecidos como um espelho para ver a si no vai e vem do mar da vida, assim como para reformular sua leitura nas idas e vindas do processo de interpretação.

O poeta Francisco Ivan da Silva é, antes de tudo e desde a infância, um leitor compenetrado de intimidade com poetas, de modo a ter uma constelação de artistas no espaço de sua memória. Quem se aproxima de sua poesia tem, na trajetória intelectual documentada em livros, um fator a auxiliar uma compreensão mais ampla do que me proponho, ao editar parte da obra do escritor. Do conjunto de artistas de seu convívio, Francisco Ivan escolheu alguns brasileiros para estudar como José de Anchieta, Gregório de Matos, Cláudio Manuel da Costa, Raul Pompeia, Augusto do Anjos, Guimarães Rosa. Também dedica atenção ao ensino da leitura de escritores internacionais como Juan Caviedes, Don Luís de Góngora, Jorge Luis Borges, James Joyce, Federico García Lorca, Paul Valéry. A constelação de autores brilha nas publicações assinadas pelo poeta como uma forma de proclamar o deleite da leitura atingido pela compreensão da comunicação artística. No ano quando é preparada esta edição de sua poesia, o escritor leva ao público *Borges: do autor ao leitor sob o signo do barroco* (2020a) e *De Góngora a García Lorca: fenomenologia da poesia* (2020b) como continuidade de doação de ensino do prazer de fruir literatura.

O poeta vai representado inteiro em sua solidão, rompida sua intimidade pelo cosmopolitismo das viagens e da biblioteca. A poesia ivaniana sugere significações para a realidade quanto a uma variável de grande peso, o tempo: “El tiempo es un problema para nosotros, un tembloroso y exigente problema” [o tempo é um problema para nós, um tremendo tenebroso e exigente problema], Ivan cita Borges sobre as obscuridades das passagens cronológicas – “nas sombras de nada do tempo que é nada” (IVAN DA SILVA, 2020a, p. 69). A inteligência poética abre um horizonte de visão penetrante para busca do sentido da temporalidade, salutar para nossa época de homens perdidos nos seus labirintos biográficos. Sua poesia, feita para o intelecto, está aberta para as faculdades centrais do homem, a razão e a fantasia, no lindo do dizer. Assim, esta antologia foi organizada a fim de permitir decifrar algum símbolo para os leitores contemporâneos, visto que a simbolização do tempo da memória é marcante nos poemas reunidos.

Tomo mais e mais as palavras de Francisco Ivan como forma de mostrar como seu aprendizado de leitura pode ser instrumento para ler sua poesia como jogo prazenteiro ‘lutilúdico’, lúdico do prazer de compor no luto dos temas, das perdas comuns a toda vida. Estão no percurso de leitura do poeta os pontos mais importantes a serem observados para entender sua poética do que são os momentos das linhas de sua biografia. No Capítulo 4

desta primeira exposição pública da minha aproximação da poesia de Francisco Ivan, registro mais dados sobre a vida e a obra do poeta.

A biografia de um poeta é, acima de tudo, sua obra, é o que ensina o poeta que dedicou sua vida à docência em salas de aula universitárias e segue ensinando em livros de ensaios artístico-literários. Fique, pois, todo público alcançado por esta pequena obra, advertido de que ela não pretende mostrar como a tradição de autores lidos pelo escritor – em publicações debatidas durante anos de ensino universitário da leitura de poesia para formação docente – dialoga em sua poesia. Escrevo e organizo um livro, em específico, para quem ainda tenha dúvida de haver prazer no convívio com autores e com obras poder decidir embarcar na jornada de formar uma mente habitada pela sabedoria de poetas.

A vida de leituras e de elaboração de obras, experienciada pelo poeta Francisco Ivan, educa para o silencioso viver a ouvir a voz do que de melhor há no humano, como é próprio de quem atenta para o repositório de tesouros que são os livros. O grande público pode ter pessoas já amantes de poesia, por isso por certo haverá quem usufrua com paixão os poemas reunidos segundo a ordem e conforme a leitura orientada para fazer ver o poeta navegando pelos mares da memória a contar ao tempo suas ilusões e desilusões lutuosa-mente deleitoso em fazer poesia. No Capítulo 3 deste volume poético, revelo mais sobre minha ideia inicial, além do que acrescento informações sobre como pode ser lida a poesia reunida segundo minha compreensão.

A poesia de Francisco Ivan: marinheiro do tempo e navegante da memória é uma antologia, tipo de livro cuja composição implica algum recorte de ordem histórica ou temática. Dito melhor, do conjunto das obras de um escritor, o organizador de uma antologia faz a escolha de uma parte dela para ser publicada. O critério para trazer ao público uma parte dos poemas de Francisco Ivan na ordenação dada nesta antologia foi a constatação de serem os poemas que, para mim, mais deixavam perceber o poeta a sondar as vastidões da memória ao longo do tempo. A coleta de composições deu-se nos livros *Ensaio poético* (1997); *A chave azul* (2002); *Azul grego* (2007a); *Thálassa* (2008a); *Signos in excelsis* (2015a); *Hieróglifos* (2015b); *Sertanejo no Mar* (2018). Há muitos Franciscos a serem descobertos, por isso a apreensão de um todo exige mais de um estudo. Após navegar no tempo da poesia do Capítulo 2, pode alguém melhor apreender a delimitação reordenada dos poemas por temas com a leitura dos capítulos subsequentes.

A antologia *A poesia de Francisco Ivan: marinheiro do tempo e navegante da memória* está organizada em três capítulos, afora o Capítulo 1, constituído por esta introdução. No Capítulo 2, *Um poeta viajante* com seu percurso de quebra da estadia *no jardim*, para visita *ao mar*, seguida de viagem *ao sertão* e para *o regresso à sua biblioteca*, encontram-se os recortes dados nas obras de Francisco Ivan para fazer a colagem de poemas ordenados para a construção narrativa desse percurso de saída de casa para contemplar o mar, visitar o sertão e retornar ao lar. A leitura presta-se para que leitores e leitoras remontem o caleidoscópio formado

por peças-poemas ao sabor de sua percepção e recriem outros poetas, tal como eu criei um para mim.

Após a leitura das obras reunidas, cada uma delas com um título criado para orientar a leitura segundo um itinerário das quatro partes da viagem do poeta ao seu tempo de retomada de memória, partes que chamei de *No jardim*, *Ao mar*, *Ao sertão* e *Em retorno*, ofereço dois momentos de abordagem à poesia de Francisco Ivan. No Capítulo 3, denominado *Um jardim revisitado: barroco, poemas, fotografias*, o evento que originalmente ensejou a formação deste livro de reconstrução de imagem do poeta é relatado com uma reflexão sobre o barroco em arquitetura, com comentários à parte dos poemas exibidos para contar a viagem ao interior de mares e sertões da memória do poeta de lutas e vitórias, assim como para ilustrar os poemas com fotografias em uma amostra prática daquilo sobre o que se fala. Ao público será possível imaginar novas cenas para ampliar o que se inicia como pedra primeira para construir a recepção dos poemas.

Leitores e leitoras são convidados a saber mais para realizar novas concretizações de leituras, para ampliar e reorientar meu percurso pessoal ou para traçar um novo, no deleite dos livros completos da poesia de Francisco Ivan. Para esse convite a novas mais amplas leituras, no Capítulo 4, intitulado *Um poeta em leitura ficcional: Francisco Ivan, a prática antológica, o signo barroco*, o poeta é apresentado com mais informações biográficas, assim como melhor é explicado o trabalho de reunir parte da obra para republicar em antologia, bem como é problematizada a história da palavra “barroco” em associação com o fazer intelectual de Francisco Ivan. Além disso, fica mais esclarecida a compilação de poemas escolhidos por seus temas com o compartilhamento de um entendimento que adotei para o processo de invenção ficcional do poeta que viaja pelas correntes das memórias, do luto e da vida.



Museum Stadel
Museumstr. 80, 8001 Zurich

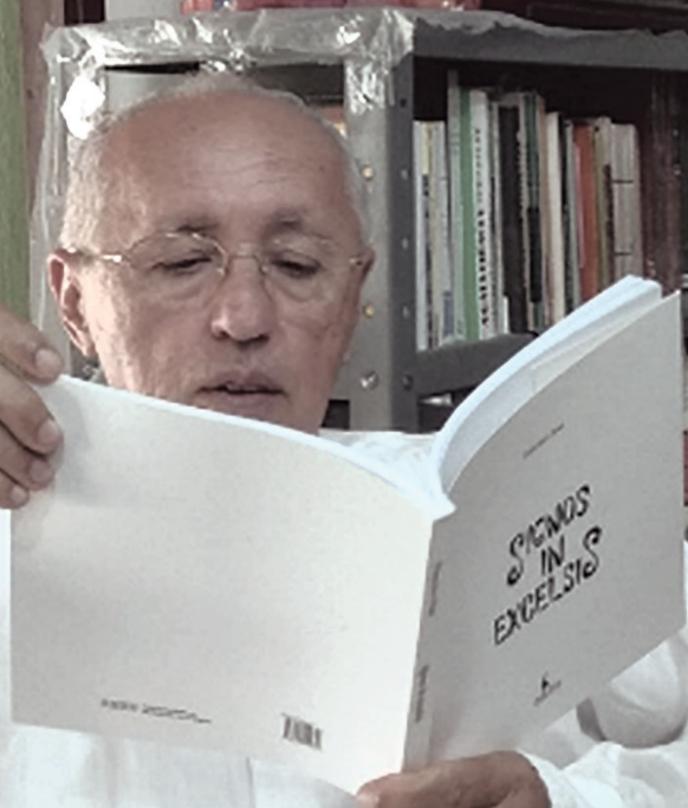
Offenlegung:
Dienstag bis Sonntag 10-18 Uhr
Donnerstag bis 22 Uhr
Montag geschlossen

Eintritt frei

Die Ausstellung ist gratis zugänglich und
mit der Zählzeit besichtigt. Und die
Einkaufspreise der Kunstwerke sind ebenfalls

"I would go anywhere with you"
"I would go anywhere with you"
"I would go anywhere with you"

Johns Jones Associates
www.jj.com



SOMOS
IN
EXCELSIS

ZURICH

2

UM POETA VIAJANTE: MARES DO TEMPO, ITINERÁRIO DA MEMÓRIA

O poeta viajante dos textos seguintes enfrenta as intempéries e usufrui das bonanças na própria vida quando torna presente momentos experimentados aos quais dei nova ordem e novos títulos para simular um itinerário de viagem, simultaneamente com algo de narrativo e algo de psicológico, como poderá ser captado pela leitura. A cada página, um grande conselheiro sem o moralismo de dar conselho, por ser sábio o discurso poético em recitação que orienta sem dirigir, como voz da memória a falar às vozes da consciência. Passe, pois, com estima pelos poemas, meu leitor e minha leitora, com sua atenção como que a compartilhar instantes um a um de um poeta em exame de si em momentos de construção poética de cenas para se ater. Nas fotografias da vida, que são os poemas, há beleza de um lirismo límpido aos olhos dos leitores, limpo tal lirismo de sentimentalismos angustiosos do passado, mas marcado pelo sentimento de revelação plena do agora: uma sapiência sensual, um saber ver-sentir para reconexão do homem consigo e com o meio, eis o ensino deleitoso da recepção estética da poesia de Francisco Ivan.

Seguro nauta frente a toda condição da atmosfera, eu vi Francisco, eu vi Ivan vindo a mim nos poemas e vi Ivan indo nos poemas: um marinheiro navegante do tempo no relógio do sol e da lua, nos meses de janeiro e de dezembro, nas estações de verão e de inverno. De tanto ver Ivan indo e vindo nos livros em meu caminho, fotografei meu artista no jardim, vi meu poeta no mar e acompanhei meu escritor ao sertão. Marinheiro do tempo e navegante da memória, ensina ele a sabedoria do luto: aquela paciência de permanecer consigo na dor da perda, na falta do objeto do desejo, na incompletude da vida. Aprendo sobre conviver com a queda na altura do fazer criativo reinventor da vida em poesia. Desde moço, eu disse à sabedoria para vir comigo a me guiar, por isso encontrei na poesia de Francisco Ivan um caloroso abrigo para as noites da alma.

Vamos entrar na galeria de exposição a percorrer o túnel do amor guiado por tua voz, poeta que transforma a linguagem em sistemática teatralização dos dramas humanos.

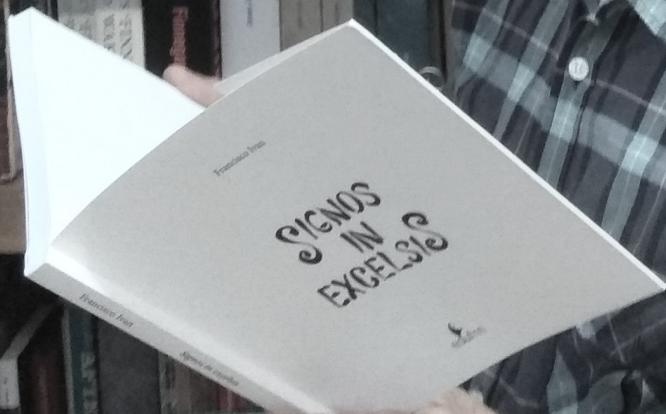
Do veneno de tua paixão eu me incendiei na extrema religiosidade de tuas palavras e não menos extrema sensualidade. Teus poemas trouxeram diante de mim paixão amorosa, paixão religiosa, paixão carnal, paixão telúrica, paixão espiritual, paixão poética... foi um hedonismo, uma luxúria, um excesso de prazer para os sentidos... A paixão é o teu tema central, poeta. Tuas obras me falaram em sabedoria quando delas eu me aproximei para meu entendimento. Veio um desejo vital de escrever para contar como li.

O discurso de beleza lírica encontrado nos textos selecionados a seguir guiam o leitor por uma viagem durante a qual a voz poética mostra a poesia onde parece não haver: indica o detalhe, desperta a sensação, opera a transmutação... Onde não aparenta haver lirismo, o poema faz percebê-lo na mutação dos objetos tematizados em signos de desesperação e de consolo, de lamento e de festejo diante da vida. Os poemas de poesia pura oportunizam a chance de fazer a audiência experienciar uma poesia como sublimação, como compensação e como condensação do inconsciente via manejo da palavra por uma consciência de escritura poética.



BLOOMSDAY 10

CONTATO
Secretaria Letras
Tel.: 3215-3582 o
canan@globo.com



NO JARDIM...

[Uma flor percebe, no poeta, a evanescência da alegria]

uma flor murcha
branca
evanescente no jardim

(Signos *in excelsis*)

[O poeta confessa, no jardim,
uma perda enquanto louva o instante]

Eu perdi de vista o meu amor
perdeu-se no horizonte
há um minuto apenas
um minuto somente
oh! Tu, meu doce amor!

(Signos *in excelsis*)

[A infância feliz livre de infâmias vem, no gramado,
à memória do poeta]

Deitar-se como quem é livre
sobre o gramado dos jardins
orvalhados de frescura da madrugada invernal.
Ter, pois, o direito de rir em excesso
fingindo dourado de prazer.
Crianças também se deitam
e rolam enquanto esperam tocar o sino
para a entrada na sala de aula.
Gritam outras no pátio do colégio;
- não queres ouvi-las?
E, se disser não,
pois, muitas vezes ouvi
os sons puros de suas almas
junto aos rios, ocioso,
de mãos atadas na claridade infinita.
(Ensaio poético)

[os prazeres dos sentidos, no poeta, são revividos diante das flores]

Aqui estou em meu jardim
Penso em tua juventude
escuto tua respiração
bebo teu perfume
(Signos *in excelsis*)

[O jasmim observa, no murchar, a operação do luto de renascer]

Deixa cair de ti tua alegria
Como cai a flor do jardim;
Nunca foi tão murcha
a flor branca do jasmim.
(Hieróglifos)

[a noite viu o poeta, diante das flores, beber perfumes]

Amanhecer!
o sol vai-se levantando
com uma nuvem no rosto
é uma nuvem pincelada
em um quadro de cristal
(Signos *in excelsis*)

[A poesia olha, diante de si, o poeta leitor nas idas
e vindas naturais da vida]

Em torno a mim, em maré cheia,
Rugem como as ondas a brilhar,
O dia, o tempo, a obra alheia,
Desfeita, rarefeita, refeita.
Em palavras claras,
Sem acreditar em mim,
A vida é assim, natural,
Vai e vem em ondas como o Mar.
(Thálassa)

[a primavera testemunha, com flores,
o renascimento bamboleante com o vento]

Manhã de primavera
um vento adocicado
sopra nos jasmims
cachos de jasmims
(Signos *in excelsis*)

[a rosa transfigura, na grama, o tempo para tudo sobre a face do sol]

Cintilando seca,
Cai a rosa sobre a grama.
Um nada,
A rosa-roxa sem espinhos
Caindo na grama, ao vento,
Exata em si,
No tempo de nascer,
No tempo de viver,
No tempo de crescer,
No tempo de morrer.
(A chave azul)

[A natureza conclama a todos, também ao poeta, a renascer
na preservação da essência]

A primavera que agora vem
chora e floresce como pode!
Até o chegar falar dela
compreenderia esse breve florescer.
Nunca se sabe, é a sábia natureza
que se faz exposta em cores
para conservar em essência acesa
o perfume que filtra na flor.
(Ensaio poético)

[seis meses, sete meses marca, para o poeta, no jardim,
uma bromélia]

Cultivo uma rosa roxa
De julho a janeiro,
E toda água do mundo
Se encolha na concha
De uma bromélia,
Que cultivo no jardim.
(A chave azul)

[um pássaro testemunha o poeta, a um canto, melancólico e triste]

De um pássaro, no jardim,
ouço um canto,
dir-se-ia, melancólico e triste
ouço sempre seu canto,
às vezes se cala de manhã;
agora canta
dando voltas luminosas.
(Hieróglifos)

[um bem-te-vi vê o poeta bem]

No azul serranil
Das curvas do vento
Em galhos sobre a areia,
Amarela um canto triste
Que bem se vê:
Bem-te-vi.
(A chave azul)

[o poeta, na biblioteca, olha o jardim enquanto
se alimenta de ouro]

Comendo estas flores
terá as penas verde-ouro
o beija-flor que fez seu
um ninho de flores arrancadas do alto.
(Hieróglifos)

[o poeta experimenta delicadezas arrebatadoras]

BEIJA-FLOR

Leve, breve, suave,
De vôo mais leve das aves,
Beija a flor mais cheirosa das flores,
Toca pétalas de amores
Em cânticos e nácaras suaves.
Quando suspenso, em vôos graves,
Seu vulto, que arrasta seus primores,
Arrebata-nos a lugares superiores.
(Azul grego)

[O beija-flor percebe o poeta sem saber para onde deseja ir]

Esse beija-flor
voa, e pousar não pode.
Brilham suas plumas
na inocência das flores,
como perdido de se ver.
(Hieróglifos)

[O poeta canta seu idílio]

AVE SUAVE

Das folhagens de meu jardim,
Saiu, voou contente a me beijar,
E me cravou no peito o bico,
Suave, frágil, agitado, delicado.
Desenhou sobre meu rosto
Cruz e espada dando voltas acelerado.
E minh'alma, do coração a chave
Entregou-lhe adormecida.
(Azul grego)

[o tempo inefável promove preenchimento da falta no jardim
do poeta lutilúdico]

E com arte excelsa
flores transportava de sua boca
para este jardim de belas plantas
encantos e maravilhas tantas
(Signos *in excelsis*)

[lírios de morte e de nascimento estão na primavera do jardim]

Os velhos jarros de prata
Conservam os brancos lírios
que nos dá a primavera
(Signos *in excelsis*)

[Uma borboleta testemunha as oscilações do poeta]

Em cenário de flores
Uma borboleta baila
baila baila
(Signos *in excelsis*)

[uma suspensão contemplativa há ativada no trino]

silêncio
um rouxinol trina
trina um rouxinol
(Signos *in excelsis*)

[A presença de quem se foi a um instante no horizonte rememora
no poeta a flor que mais gosta]

Crisântemos

Amarelos amaros,
Roxos lúgubres na penumbra,
Cor de fogo,
Exalando a cor sofrente do pranto.
Branco, roto, vermelho,
Sombrios, misteriosos.
No espaço curvo nasce um
Crisântemo no tempo.
Cristal no tempo em flor,
A flor de que tu mais gostas.
(A chave azul)

[Um gato lembra o poeta o prazer de viajar]

o gato de *beaugency*
é um gato de louça de ouro
de prata de ouro e prata
miando ao pé do *loire*
(Signos *in excelsis*)

[uma andorinha observa o poeta com os amigos da biblioteca]

crepúsculo
a lua é fria
uma andorinha solitária
pousa no ramo do limoeiro
(Signos *in excelsis*)

[maio traz o renascer após reminiscências de revivências lúdicas]

Chuva de maio!
Oh! Surpresa de goteiras correndo!
Minha terra estremeceu
E as murchas flores se abriram alegres
Debaixo das sombras de um céu solene.
(Hieróglifos)

[a madrugada assiste ao esvaimento lutuoso do poeta a sangrar]

no ar estendida
a lua é roxa
cheia de sangue
(Signos *in excelsis*)

[a ausente fez-se presença no querer doloroso indomável]

Agudo espinho de rosa,
No coração cravado,
Ardente, deslizante,
Como marca que não engana.
Quero beijar tuas *pérgulas*,
E nelas, inserir meu desejo.
(A chave azul)

[O céu testemunha o poeta a domar seu tempo]

no céu estrelado de abril
um touro reluz
em sombras de nuvens
sou eu o toureiro

(Signos *in excelsis*)

[a noite testemunha o poeta a navegar no tempo]

As estrelas de noite
Fitam o infinito
O dia em rotação,
Girando reluzente
Ao brilho do Sol
Banhando de azul anil.
Meia-noite: toca o relógio.
Canta o galo
Sobre a linha meridional.
(A chave azul)

[as nuvens leem um poema à transitoriedade dos bens do mundo]

esta primavera
com o tempo passa!
nas nuvens a lua se esconde
chorando pérolas

(*Signos in excelsis*)

[um rouxinol canta verde]

ALMA ENCANTADA

É maio e, escuto no jardim,
A mesma canção do rouxinol
De volta já no tempo frio.
Agita-se sem rima,
Em cima do ramo esmeralda
De esperança. E escuto,
Mais agudo, os sons da alma,
De outro modo amada.
Trina, vibra na manhã serena,
E o céu todo a aplaudir, ressoa.
(Azul grego)

[uma mariposa testemunha a insônia bamboleante do poeta]

a mariposa bamboleante
minha alma
revira
(Signos *in excelsis*)

[a rosa flagra o poeta vendo a transição da beleza]

Rosa,
São onze horas;
Qual camisola de púrpura veludo, a nascer?
Nem a aurora roxa,
De camisola pela madrugada,
Entre as nuvens!...
Desperta num vaso de meu jardim
A rosa púrpura veludo,
Com toda a face do sol a iluminar.
Nela, sim,
Vê-se a beleza verde,
Que sobrou do chão.
(A chave azul)

[a lua foge da face enlutada ou a face enlutada foge da lua]

a madrugada é frieza igual a mim mesmo
a lua caiu no mar
cheia de tristeza
(Signos *in excelsis*)

[a escuridão implanta sonho no sono do poeta]

Sorriso audível do vento nas folhas,
Com botões roxos apalpando.
Carícias sensuais d'amor e gozo,
Num roçar fugaz de estar gozando.
Sou clássico ou romântico?
No jardim sonhei,
Uma ave na madrugada canta;
E me faz desperto.
(A chave azul)

[luzes e latidos invadem a madrugada onírica de
uma já tarde noite]

INSTANTE

E vai a noite já tarde,
E, de súbito, uma luz serena,
Do céu claro de tantos raios,
Derramando-se vai
Pelos ares rodeada de quintal
Para o beco da rua
Onde latem frouxos os cães.
(Azul grego)

[O espelho fala com o poeta ao sair do jardim]

Eu,
Tresnoitado,
Ardente,
Espinhoso.
(A chave azul)

[Ocorre, no pós-abril, uma novidade de visita ao jardim do poeta]

TUDO MEU
Já passou abril
E se me abre um céu
Donde escuto um cântico pio,
Com passos sacros, de anjo.
Clama de novo ao homem ímpio.
Que escuto? Que buscas, meu bem?
De novo, querido rouxinol?
Toca-me, doce língua,
Abre-me mais alto o ouvido,
E, mais suave, mais perfeito!
(Azul grego)

[o jardim reativa antigos sabores]

aqui estou em meu jardim
penso em tua juventude
escuto tua respiração
bebo teu perfume
(Signos *in excelsis*)

[em poesia faz o poeta a superação revificadora da falta
tornada presença]

e nesta página te digo
mesmo distante
estou mais que junto a ti
(Signos *in excelsis*)

[O poema sumido no horizonte visita o poeta em forma de flor]

Poema em Flor

O poema

Enfeita-se de flores:

Flora desabrocha-se em flor:

Flor-da-cachoeira,

Flor-d'água,

Flor-da-esperança,

Flor-da-imperatriz,

Flor-da-paixão,

Flor-da-alma,

Flor-das-pedras,

Flor-da-verdade,

Flor-de-abril,

Flor-de-amor,

Flor-de-baile...

Mas não é esse o sentido

Da palavra Flor no poema.

Te escrevo flor disso e daquilo,

Te escrevo, não, uma flor,

nem aquela flor;

mas, meu poema,

a desabrochar em flor.

Só que traz um hálito

Quase que é seu!

(A chave azul)



AO MAR...

[Amarelo... o sol aquece o poeta ao sair
de seu jardim para ir à praia]

O bairro de Emaús!
no momento em que
abro o portão correção
o sol de novo me urina
(Signos *in excelsis*)

[o abrigo materno fala ao poeta diante do mar]

Quando criança ainda,
Debaixo do silêncio das escuras noites do Sertão,
Eu ignorava se o Mar nasceria menino ou menina.
Mar! Mar! Mar!
Our great and sweet mother,
Mar! La mar! La Mer!
“*Grande mar.*”
Mar que me abraça violento.
(Thálassa)

[um barco escuta ecos de cruzadas salgadas na mente do poeta]

Sempre ao mar
Sentado, mirando,
Sem fazer nada.
E um barco queda ali,
Jogado na areia depois de tanto sal,
Salpicado pelas estrelas.
Sempre ao rio.
As velas! Um seco pano amarelado,
Nele só habitando ecos.
(Sertanejo no Mar)

[o mar é certeza de nova jornada para quem sobrevive]

Estou eu aqui sentado em um porto seguro,
Mirando desde o Mar até o céu,
Na expectativa astral,
De uma estrela futura,
De fábula e firmamento!
Ai! Ah! Grita o Mar, agora, de novo,
Suavíssimo, ao ouvido!
(Thálassa)

[A manhã marinha traz reconforto ao poeta]

como me agrada
molhar meu rosto seco
com o orvalho das manhãs
(*Signos in excelsis*)

[o poeta cantarola uma reflexão aforística mar vida]

Mar à frente,
E, em terra, a vida,
E os naufrágios por evitar!
Ademais, ter que abrir as velas
Para as ondas metafóricas,
Tão remotas da vida real.
(A chave azul)

[as ondas ouvem, do poeta, a falta de bonança
na confissão do mar suicídio]

Amo-te, ó mar, em louca tempestade,
Mais do que o homem com bonança n'alma.
E as ondas se arrebetam sobre as pedras,
Serras sinistras!...
Por isso, que o Mar define com clareza o suicídio,
Um suicídio permanente,
Fugindo na morte da vida em ondas
Que pegam quem devagar por tanta sede navega.
(Thálassa)

[o poeta torna sua turbulência em reflexão
contemplativa na areia página]

Litoral Nordeste

Como nenhum!
Vago, claro azul, espumante
cristalino. O mar vai e
vem turbulento.
Na orla da praia,
Canoas, ao sol.
A areia é uma página branca, limpa,
Em que o poeta rabisca o poema
Que vai transcrever para o livro.
(Ensaio poético)

[as rochas marinhas testemunham a falta de defesa
contra memórias turbulentas]

Eu não sei o que as ondas trazem.
Se a onda é forte, turbulenta,
O mar tem pedras, rochas para defesa.
Mais ondas,
As ondas de um esquecimento.
(Thálassa)

[recordações da madrugada no jardim retornam na areia
página da praia]

Sentado na praia de frente
Vou escrevendo, escrevendo...
(sim, na areia, tal mesmo uma página).
Recordo legendas e mais legendas
Ainda que seja sua escrita breve na areia;
Mas não pode pesar sobre esta claridade azul
Alguma letra como a dizer
Com o lápis...
Um nome deixa cravado na memória
Pelas terríveis dentadas do amor.
E, que importa a mim um nome
Gravado na areia da praia?
– Quem seria, ó mar, capaz de apagar teu nome?
O vento, as ondas, o tempo?
A que outra praia tão distante te carregará o vento
A nado de nada?
(Sertanejo no Mar)

[um mar de signos ouve o poeta em sua consciência ao olhar
à procura de representações]

Mar que me traz tanta coisa bonita de volta.
Inelutável modalidade do visível:
Signância de todas as coisas,
Estou aqui para ler.
Penso com meus olhos e vejo:
A inelutável modalidade do audível.
(Thálassa)

[derrota e triunfo do homem genuflexo]

Mar
estou diante de ti
e te digo
frente a tuas ondas
veio a meus pés o céu
(Signos *in excelsis*)

[as recordações de humano sofrer do agora, no poeta, dão lugar ao
não tempo do mito no grito de mil eras]

– Quando a ouvir nas ondas do espaço,
O mesmo grito de eras mil,
Recordo coisas das escrituras,
Escrituras delituosas, deleitosas,
Diletantes, dilatando o coração
Grita tudo! Tudo a gritar! Ventos, velas,
vagas, barcos, navios, piratas,
Marinheiros arrastados, inebriados, ó prazer!...
(Thálassa)

[o poeta sai de si para encontrar o outro]

na cabana do pescador
o odor de peixe seco
que odor!
(Signos *in excelsis*)

[o poeta encontra a imensidão incomensurável do mistério na
amargura da mágoa mar]

Olhando as ondas que se desmanchavam na areia,
Eu fruí: – “um ser que nós não vemos,
É maior do que o mar que nós tememos”.
Fruí risonho
O Mar de frente, romântico.
Mas, qual no exílio d’alma
Cercado de Mar,
Olhando os abismos d’água,
Minh’alma não era inocente.
Já nesse momento por sobre as ondas,
Passa leve a sombra de um barco que afundou,
Vai, leva por sobre as águas,
Assim minha visão,
Que contempla à beira mágoa amara.
(Thálassa)

[vai o mar a escutar a solidão do poeta ator de ida
e vindas a se espriar na vida]

Vai, mar!...

Vai, mar!...

Como se fosse a nossa alma.

Mar inconscientemente imitado

No florir devagar nas águas.

Vai, mar!...

Vê o brilho dos remos

Cortar ondas de cristal.

(A chave azul)

[o mar anota de um homem, o poeta, a confissão]

Vai, Mar!...

Mar que me leva além,

Aonde anda a onda,

Mar místico, místico e real.

Vai, Mar!...

(Thálassa)

[outra vez o poeta sai de si para encontrar o outro]

Mar!...
Mar azul,
ondas de cristal:
passam dois jovens
que antes foram pescadores...
(Hieróglifos)

[O mar destino desperta para o poeta consciência de seu destino]

O Mar é o mesmo,
A praia é a mesma,
Aonde deixo na areia
Rastros que o vento leva.
Súbito silêncio pára o vento
E sopra mais leve oculto na neblina.
Vejo rolar na praia meu destino,
– E corpo e mente –,
Do Mar sem fim.
(Thálassa)

[o vinho faz melhor ver o sol olho de ouro]

O Sol é um olho de ouro
Detrás de uma nuvem negra,
Neste Mar Negro
De escuro vinho.
(Thálassa)

[a esperança navega no mar verde dos olhos do poeta]

Sertanejo no mar!
– Um cheiro de suor jovem...
De meus olhos partiu triste um barco!
Triste barco de papel,
Barco verde de infância,
Barco carregado de esperança.
Triste barco verde musgo
Como se o horizonte tremesse
Através de meu olhar crepuscular.
(Sertanejo no Mar)

[o poeta canta a pescaria da esperança no mar do talvez]

Vai, Mar!...
Mar que nos rochedos roço.
Não sou quem me navego,
Quem me navega é o Mar,
Mar tormentoso, de nuvens escuras coberto,
Mar de pedras e obstáculos,
Nem colinas nem barreiras,
Nem praias vistas.
Thálassa! Thálassa!
Mar distante onde a esperança pesca seu talvez.
(Thálassa)

[o poeta rememora o Sertão mar de sua terra natal]

No Grande Sertão do Seridó o mar é azul serrano
E se mostra real e, como se quisesse,
Em abertos horizontes refletir-se.
Qual tudo se sente com o céu caído na terra;
A bela paisagem, os solitários caminhos,
Caminhos de lugar a lugar rachados de seca,
E queimados de sol.
O mar é o som que me chega
Como se houvesse nunca escutado.
(Sertanejo no mar)

[o poeta navega no tempo da memória antes de rumar ao sertão]

– Mesmo sendo eu do sertão,
Aonde vou naverrante parece,
Vou navegando este Mar,
Para o azul do céu!
(Thálassa)



AO SERTÃO

[o poeta visitara o mar antes de tomar a estrada
e escrever neste formato sol-lua]

SOL
Sol
Luz sobre ouro
Aura
A prata azul da
serra
Lua
Luz sobre prata
Azula
A noite escura
Da pedra
(Azul grego)

[O poeta lembra de si no mar pedra eu]

Eu não sei se esta pedra aqui não é um navio
Que calhou viajando comigo remoto de quem sou.
No sertão o navio é uma pedra,
Em que só o Mar secou!
(Thálassa)

[a paisagem é uma imensidão frente ao eu do poeta]

Paisagem

Abrir os olhos até o horizonte
e ver como serras e matas se espraiam azuladas
azulando o ar tremulante em pedra viva.
Rochedos de azul-prata e selvas auriverdeadas.
Mais pra dentro do caminho iluminado,
Avista-se o vulto piramidal dos montes azul mariano
que vão ganhando forma
como riscos de lápis.
(Ensaio poético)

[vem o sol de inverno para o entendimento do poeta
da transmutação do tempo]

Há um Sol de Inverno sobre as serras
e vai afundando sobre os rios,
corrente, cintilante,
de lado a lado
até as funduras do Sertão.
Inflamado de brilho inclina-se
andante ao infinito,
tremulante de recordações.
A neblina cai luzluzente,
como dádiva celestial.
O vento sobre oculta canção
e o agricultor vai lavrando a terra.
Vai e vem arando o campo como linguagem,
avança, dobra-se
e levanta-se, homem forte ao claro da luz,
há-de crescer um dia.
Ó poetas, abraçar como ele o raio de amor que abrasa!
(Ensaio poético)

[a jurema recebe uma visita ao passar um homem
há tempos sem florir]

Jurema,
Flor sertaneja,
Nunca mais floriu?
Branca, ardente entre espinhos,
Ah, nunca mais floriu!
Tu és a nostalgia da vida boa
Que nunca mais floriu no sertão!
Ah, nunca mais!...
Chorai, chorai,
Jurema nunca mais floriu.
(A chave azul)

[uma andorinha sozinha habita o poeta]

Voa até perder-se de vista
nas asas do ar
a andorinha
goza debaixo dos raios do sol,
suas asas abraçam todo o infinito.
(Hieróglifos)

[a visão ausente de morte de uma flor converte a falta de um sorriso
em presença brilhante]

BIOPOESIA

Nascer morrer:

Também morre uma flor

No mais distante do vale.

As variações da natureza

São belas, mais bela é a arte

Que converte em pérola

O sorriso inocente

De teus lábios.

(Azul grego)

[o poeta vive a imersão no sabor de um cajueiro]

De baixo de um cajueiro

em estação florida

me senti dentro

de um frasco de perfume

(Signos in excelsis)

[o poeta viajante é contemplado por árvores]

Frondam árvores
No período corrente
Como plumagem de cristal.
Examinadas com detalhe,
Vê-se a luz do sol,
Que a folha traga e transluz.
(A chave azul)

[o poeta navegante do sertão faz seu caminho de dentro]

A brisa vem e agita
Meu rosto bem no ar de pensar.
Por largos caminhos vão os homens,
Mas eu sigo um caminho que mais significa:
Aí fora pelo largo caminho dos homens
Está o que atravesso aqui dentro
Silencioso ao sol sem movimento.
(Sertanejo no Mar)

[uma flor branca lutuosa ensina ao poeta a lição do riso]

Florbela

Vê a flor bela branca,
Pelo caminho sorrindo,
Vê mais uma vez,
E passa de mansinho... 'stá
Quietinha...
Ela quer quando morrer,
Ser levada pelo vento sorrindo.
(A chave azul)

[o poeta navegante experimenta sinestésias]

venham ver as flores de araçá
tenho na mão um ramo de flores
e cheiro sua doçura
(Signos *in excelsis*)

[o entardecer no dia de viagem traz falta ao coração do poeta]

Cinco da tarde,
No coração, uma saudade fixa,
Presa ao destino.
Além de tudo, esse desejo
Que se estende em asas
Desde as alturas
Até abaixo as formigas tristes.
(Thálassa)

[o início da noite de viagem coloca antiga primavera
diante do poeta]

Lá vem vindo
A lua cheia
Abrindo as portas e os jardins
Da rua onde ando.
Minha era aquela lua,
Lua de São Jorge,
Na adolescência de meu céu.
(A chave azul)

[O tempo é verde apoio para espera do poeta por renovação]

esta primavera
como o tempo passa!
a lua se foi
sem deixar ruela
(Signos *in excelsis*)

[a primavera faz ver o transcurso dos dias de viagem]

secaram as flores da primavera
treme o ar estremeado
as flores secaram
e não te deram frutos
(Signos *in excelsis*)

[o verão vai visitar Ivan]

lua da tarde
as acácias estendem
brocados amarelos
sobre a calçada
o verão vai entrar
(Signos *in excelsis*)

[O poeta viajante assiste ao verão chegando]

Ar cristal de nuvens
Março vai entrando,
E o verão já vai alto.
Livre desesperação
Contra o crepúsculo,
Externo calor abraçam.
Anjos doiram folhas
Sob luz poente.
Velejar oriental,
Velas no mar rumoroso
Sumindo em véu de sal
Branco crepuscular,
Sem drama e fantasia,
A entrar infinita noite,
Como parte que não se vê.
Porém, avistada antes,
Pelos ventos incendiadas,
Avermelhando a aba da serra,
Onde deserta o sol,
D'oiro fundido.
De língua reluzente,
Reluzindo em perdidos vales,
De pé pelas águas frescas,
Toca as sombras andinas,
Recolhe-se
E começa a cuidar
Do dia anterior
Sem rumor na cabeça.
(A chave azul)

[o poeta entra em contemplação ética da Via-Láctea]

A Via-Láctea, uma imensa mancha branca
na escuridão do céu!
Passam para o Oeste as estrelas,
E me levanto para um brinde,
Eu sou o Rei do vinho!
(Thálassa)

[o nordeste espinhoso iluminado está diante dos olhos do poeta]

Nordeste:
Queima deserto
Em solo adubado
Pelos cactos secos,
De raízes frescas,
Em terra seca,
Em fogo,
Pegando fogo,
Pela noite infinda,
De mil e uma noites.
A noite vai-se
Em pleno alento, uma estrela pispisca.

(A chave azul)

[a hora do meio-dia fornece sol para fortalecer o poeta
em sua jornada]

Hora do meio-dia:
Estou agora encostado a um tronco
De palhas bronzeouro.
Trabalha o sol a toda força!
A terra abaixo está quieta
E não passam rebanhos.
Debaixo das sombras onde a gente abre a boca
Há um medo ancestral
Que vem vindo ao vento.
Entre as macambiras não há defesa,
E o ato de amor não é livre:
Sol no pingo do dia pinga no olho da gente
Setas laminadas afiadas
Espetam e espinham a floresta.
Tu, sol sobre a terra, eu sertanejo no mar,
Com os pés salgados e trôpegos
Tropeçando sigo pela praia,
Com o Sol faiscando na testa,
Sigo o giro do vento;
Sigo indagando ao léu
Inferno e céu.
E quando irrompe sua força em mim,
Faz-me sentir confiança em mim mesmo.
(Sertanejo no mar)

[lá está o poeta no deserto do seu eu
em plena lucidez de leitura sagrada]

No deserto,
aprende-se a ficar em silêncio,
meditabundo, sem conta a dar à morte e à vida.
A leitura de textos sagrados toca a solidão de espantos;
e mais alto, mais noite, as estrelas,
voz igual não se há ouvido nunca:
indizível ao incendiário brilho.
Plenitude silenciosa,
Deserto escritura hieroglífica,
para sempre calada, e,
mais aproximada do nada.
(Ensaio poético)

[o poeta recorda a face do Amor]

Rosto do Amor

Bela e recôndita lembrança
Figura em nosso pensamento secreto.
Bela imagem. Ah, era numa data!...
Bela e recôndita,
Fixa na memória da gente.
Uma vez e nunca mais.
Ah! Rosto mais belo que o teu?!
Imagem de Deus sorridente,
sorrindo ao vento,
fugindo do céu à terra
com alegria de vinho.
Lançar-se seguindo a beleza,
num sorriso simulado
que não se desprende dos lábios.
(Ensaio poético)

[a viagem chega a novo abril de abertura para alegria]

CONTEMPLANDO ESTÁ FRANCISCO

Abril!

Uma vez mais,

Abril. Esplêndida

Flor se abre

No campo dourado.

Em tronco verde aura o Sol,

Mas não é dádiva e Rei;

Pois, como vês, aura a chuva

Em todo o campo.

Voam aves de arribação

Para o alto das serras.

(Azul grego)

[espigas amarelo-ouro trazem sementes de vida ao campo do poeta]

Amanhece de reverso o tempo

virado para o leste

espigas amarelo-ouro amadurecem

e alguém deve debulhar,

‘inda a enxugar da chuva.

Nuvens sobre o alto dos caminhos,

em folhagens se desfiam...

Grãos todos brilhos,

num chão verde-azul molhado,

de papel escrito entre as mãos...

É o sertão de ouro e prata

A seguir com o alento da semente.

(Ensaio poético)

[o poeta lembra de imagens de renascimento no Sertão]

Oh, Sertão,
o contorno inefável de tuas serras!
Conta-se que no verão
havia cascas de cascavel
até nos paióis das margens.
(Hieróglifos)

[a queda de junho é quando da chegada do poeta ao olhar para seu
habitar de dentro]

Verde azul de serra,
sertão com seu habitar tão dentro
nossa alma extrema. Signos foguetórios
pipocam em pompa de figuras relampejantes.
Tombando de raio, Junho cai
e vai ressoando pela eternidade.
Que pede essa voz, de ruído triunfal,
que faz perder fé na realidade?
E, Junho tombando de raio, cai,
ouve meu coração os estrondos,
Lá do fundo do tempo.
(Ensaio poético)

[a subida de julho faz o poeta lembrar para esquecer]

Um dia de julho

E nesse dia triste
Sombrio, frio,
Em que caminho de olhos abertos,
Recordo o passado como ponto de luz,
À noite, na casa grande distante,
Onde brilha a luz duma janela.
“Ah, que saudade que eu não tenha”!
De toda recordação,
Só vale o excelso dom
De recordar os sonhos.
(A chave azul)

[a permanência de julho traz consolação ao poeta]

A manhã verde de julho
Está, ainda assim, um pouco fresca,
O cristal líquido nas folhas,
Refresca leve meu rosto,
Maquilado pelo torpor da noite,
Debaixo do lençol,
Com seus medos antigos.
(A chave azul)

[a viagem se estende até o outono da alma]

O homem espia
Doida a tarde.
Cores de um bosque outonal.
Sabe que há na alma
Matizes desconcertantes.
(A chave azul)

[a passagem do tempo no céu de outono figura as impossibilidades]

Céu de outono:
vai-se esvaindo um arco-íris
em diáfanas cores
e beleza inefável de neblina.
mas ninguém conseguiu passar debaixo.
(Hieróglifos)

[a lua de setembro olha um poeta cronista pela janela
de sua hospedagem]

LUA DE SETEMBRO

Plena rompendo nuvens
Por cima de serras
A lua brilhante
Vem laureada de estrelas
E as beatas ao pé do altar
Cravadas de flores as mãos
Ajoelham-se sobre uma terra
Coroadas de areia-brilhante
Lua formosa
Da janela brilha seu rosto
De plenitude mais áureo
Que o ouro
(Azul grego)

[o Sertão do Seridó é prazer para poesia]

Sertão do Seridó
Qual fértil primavera
Para meus versos!
Sou aquele que lhe rega a alma.
(Hieróglifos)

[a ausência fala ao coração do poeta]

A memória,
Abismo entre tu e eu
Palpável,
Vivida,
Sem dar mais um passo,
Pede conta da vida.
(A chave azul)

[o poeta visita os pais]

No túmulo de meus pais:
eles nunca mais vão sorrir,
vão cantar,
nunca mais vão chorar,
vão falar..
nem ouvir o que lhes dizem.
Jaz aqui debaixo
todo um entardecer
com possível saudade
gravada na memória.
(Hieróglifos)

[O poeta visita a escola do primeiro amor pela poesia]

A escola no Sertão:
Era um casarão amarelo,
Portas e janelas verdes,
Meninos e meninas em fila
Cantarolando sua bandeira vitoriosa.
Eu era um sertanejo sisudo;
Já em ar de santidade
Catava e vivificava
O Salve regina
Até os amostras, salve!
Um torçal de ouro contorcia meu ombro,
E me atava em fila com gravata e
O mais era um lápis e um caderno
Com capa estrangeira desenhando
Um país distante.
Eu tinha boa habilidade para cópia
E muito gostava de fazer cópia
Copiando tudo ao pé da letra.
Ver a lua saindo por detrás da bananeira,
Redonda como um tostão...
Que maravilha! Eu recitava...
E nunca me esqueci de desenhar
Os *Currais* do Sertão do Seridó...
Os caminhos,
Um encanto!
(Sertanejo no Mar)

[um lembrar faz o poeta reencontrar acento]

O murmurar do Mar eu ouvia
Pela voz de minha mãe,
Contando e murmurando ali deitada,
Nas escuras noites do Seridó.
(Thálassa)

[o poeta decide partir]

Versos sertanejos. Por que não? Sou telúrico
E nada sertanejo deve ser-me alheio.
Eu, o último dos poetas líricos (sem lirismo),
Vou-me e levo comigo
Uma flor de teus caminhos.
Adeus, Sertão. Vou-me
Na improvisada estrada de asfalto,
E vou-me com o coração esvaído
E quase louco de tanto querido saber.
Nunca digas
Que me viste ou que te vi
Ao sol e a chuva faltando aos rebanhos.
Manejo o turbulo mágico
Nas exéquias fúnebres do Sertão.
(Sertanejo no mar)

[o mar tempo do poeta na última noite de viagem ao Sertão]

Ao Sol nascente, ponho a tiara ouropérola,
Que, ao sol caindo vai se despregando,
E o mar esfrega e reesfrega.
Vem a noite e com a noite a tempestade;
E, pouco a pouco o Mar,
Desde o azul mar ao céu azul dos imensos dias,
Nos distantes das serras do azul-sertão onde estou
Sempre mirando.
(Thálassa)

EM RETORNO

[da distância, regressa o poeta ao seu lar-jardim para reencenar
seus passos na biblioteca]

Mas que distância e distração as minhas!
Que fui? Que sou?
Com misteriosa devoção e misticismo estético
Entoei Intrositos *ad altare Dei*
Confiteor e kirie eleison,
E até *Proconium pascal* anunciei solene;
Sem qualquer delírio escrevo poesia,
Páginas de epifanias são meus poemas.
Penso nas palavras e sinto o cheiro da rosa;
Choro e escuto o trinado do rouxinol.
(Sertanejo no mar)

[pondera o poeta a devastação dos campos do eu Sertão infantil]

Devastaram os campos,
desviaram a rota dos ventos
e a criança despertou chorando
na terra em que ela não é mais a intuição
que o olhar alcança.
Lamentosa dor!
E, estas coisas
fazem parte de façanhas já cumpridas
debaixo do sol,
ao amargo da ironia.
(Ensaio poético)

[considera o poeta a crônica poética de suas memórias
e esquecimentos]

Estas folhas são recortes,
recordações,
tecidas em excesso de sabedoria,
e, como no futuro,
o passado abraçando cantam
em excelso canto,
as belezas nunca dantes avistadas.
(A chave azul)

[olha o poeta para a passagem do tempo na imagem móvel]

Espelho

Tu e Eu,
entre nós
Ficou algo.
Ficou o fantasma das noites
Que também me transforma.
(A chave azul)

[retorna o poeta a seus colóquios]

Todos os dias,
Lendo os mesmos livros:
Proceder infame,
Dos poetas e seus conceitos,
Todos os dias informam
Uma forma nova de lê-los de novo,
Deixam ao leitor todos os desafios.
(A chave azul)

[prepara-se o poeta para escrever a crônica memorialista de seus
esquecimentos]

Oh! Vida maldita de poetas!
Ter que lamentar, ter que celebrar.
 estar triste ou alegre,
 escrever tantas coisas iguais
 de igual vigor e sonho.
 Eu os imitarei?
 (Hieróglifos)

[a natural composição da noite entra na organização
mental do poeta]

COMPOSIÇÃO

Noite azul sertão,
Cortar pode o lado
Da tela irreal,
De natureza artificiosa.
Contém giros
Que em nada recordam
A memória que vem à mente
Com a noite, em tempo sem máquina,
Para o silêncio nos ouvidos
Da gente: astros, grilos e corujas
Enchem o olhar na treva,
No fino de alguma luz.
(Azul grego)

[o rosto da manhã transmuta-se em beleza
para a memória do poeta]

Rosto da manhã

Manhã, que acordando feia,
enfeita-se toda de ouro,
crê que no mundo
não há rosto tão belo.
Será que esse som mudo
Não é de um búzio,
A concha de teu rosto transcendental,
trazido pela brisa?
(Ensaio poético)

[o poeta está de volta a ouvir o canto de pássaro em seu jardim]

HAIKAI

Sempre a mesma melodia
Cantam os pássaros
De meu jardim
(Azul grego)

[outra vez torna o poeta a ouvir o canto de pássaro em prece
na memória de suas recordações]

Quando da cumeeira da casa
uma canção ouvia,
numa rede de varanda se enlaçava todo
e ocultos fenômenos previa.
Uma voz pesava orante entre os dentes:
Ó heróis, ouvi a quase certeza do pássaro,
com a sua canção mágica, ao meio-dia,
rumo ao nada.
A canção do pássaro fazia mastigar
a sonolência meridiana
de sono e de tédio clara.
Tristemente fazia de conta
e confiava na calma do vento
que trazia a canção de vem-vem.
(Ensaio poético)

[o poeta reencontra companhia no retorno ao seu jardim]

ROUXINOL

Será, acaso, meu amigo?
Sua volta? Em canto novo?
Vê-se, traz no bico
Abrasado de rubi,
Um ramo esmeralda
De esperança. E,
Entre folhas, brilham
Suaves penas esmaltadas.
Será meu amigo de volta?
Nada de novo canta,
Pois repete a mesma canção de amor
Desde o tempo da partida.
(Azul grego)

[uma força movedora há no coração do poeta]

FORÇA MOVEDORA

E o céu nos mostrou
O que nos disse a Lua.
Disse que em tempo propício
Podemos prever o que vier,
As chuvas ressoando
As cores, os ventos,
E os estios renovando.
(Azul grego)

[o poeta do inteiro amor em poesia]

Em tal página,
um poema de amor:
é para ti que escrevo.
Que tal te parece?
Há tal amor?
Bem, escrito e sentido está;
e com isto te digo
Pondo-o em tuas mãos:
Eu e tu.
(Hieróglifos)

[O poeta transcreve o bilhete de quem o amou ternamente]

Ai de mim!
Nem sei como fiquei sendo
Depois que te vi...
Tu sorrias,
E era puro o azul do teu céu!
Tu miravas longe os montes,
As margens do rio,
As pedras sombreadas de verde prata,
Ai de mim!
Nem sei como fiquei sendo
Depois que te vi...
(A chave azul)

[novas águas banham o dia renascido do poeta]

ARDENTE

Chove em meu coração
Como chove na cidade;
Dor e tristeza.
Quanta água por meu rosto
Corre para triste praia levada!
Ai triste! Para que vejo o sol
Coroadado de arco-íris?
Abraçada imagem
Em ouro desfazendo-se
Sobre pedras destiladas.
(Azul grego)

[a funda agonia do esquecer para reviver maneja o poeta]

– Um grito ouve-se e não sei que responder.
O vento suspira!
(Ah, suas sílabas se desmancham na areia!),
Lá vai desenhando um rumor
Que vai se afundando no mar;
Uma onda já não é onda
(se pudesse soletrar!),
Já não é palavra nem sílaba nem rumor,
Já não é nada. É a morte em funda agonia.
(Sertanejo no Mar)

[o poeta confessa tudo quanto pode dispor no poema]

Barroco, melancólico,
Louco, lunático, poeta,
Místico, devoto, filosófico,
Um simples homem,
Em sonhos,
Sempre buscando a Deus,
Entre as serras e as feras,
Entre os rios e as rosas,
Entre a vigília e o sono,
E em tudo quanto é vago.
(A chave azul)

[outra vez confessa o poeta suas chamas de amor
lançadas ao vento]

EMOÇÃO

Chama de amor, vívido fulgor de estrelas
Que pingam na água pura,
Escura, penetrante.
Olho perscrutador,
Nítida claridade
E um coração que bate,
Que arde de amor em brasa.
Incessante, inspira o céu
Gozo e vida
Oh, se o vento...
(Azul grego)

[o mar infinito no âmago do poeta faz a viagem]

Tudo é disperso e me
Sinto abandonado no mar infinito
Dentro de mim.
Eu sou o mar e já
Em luminosidade vai-se
Espraçando...
Vai, mar!...
Mar avistado desde minha casa no Sertão!
(Sertanejo no Mar)

[celebra o poeta a chegada de seu janeiro]

Vai passando um barco à vela,
E nela sopra o tempo
Fazendo o giro do vento.
Deixa chispas instantâneas nas águas
Contra o sal na areia.
– Percorreu o mundo inteiro
E, parece, vem de volta,
Carregado de ouro, pérolas e corais.
Vem chegando um barco,
Onde em triunfo chega Janeiro.
(Thálassa)

[o poeta confessa feliz a presente falta do prazer vivido]

IMITAÇÃO

De trabalho pesado
Uma casa real vi, qual edificada
Nenhuma foi por sábio construtor:
O muro, granito esculpido,
De areia brilhante a entrada;
À frente de prata pura, o teto de ouro,
Rico tesouro pelas claras janelas era.
E dentro, doce harmonia
Ouvia, e me veio a esperança
De eterna ventura e bonança.

Cercada de frescura,
Mais claro que o cristal achei uma fonte
Em um lugar secreto e deleitoso;
De entre duros penhascos
Nascia, e murmurando, docemente,
Em sua correnteza, o campo fazia formoso.
Eu, todo desejoso,
Lancei-me por beber, ai, triste e cego!
Bebi por água fresca ardente fogo!
E, por maior dor, o cristalino
Curso mudou o caminho;
Causa que agora morrendo
Vivo de sede e pena ardendo.
(Azul grego)



3

UM JARDIM REVISITADO: BARROCO, POEMAS, FOTOGRAFIAS

Chamei de *Um jardim revisitado: barroco, poemas, fotografias* o esclarecimento da origem deste livrinho. O início de sua composição ocorreu antes de sua primeira palavra ser escrita, pois ele advém de um evento denominado *Um jardim para Adriano: exposição poético-fotográfica*. Fique desde já claro o fato de que montar esse livro foi visitar o evento promovido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), no Município de Macau-RN, no ano de 2018. O “jardim revisitado” tanto é a obra de Francisco Ivan relida para compor esta antologia quanto é a referida exposição. Ela foi tudo exatamente como poderia ter sido, sobre o que falo mais a seguir.

Em resumo, a proposta consistiu em fazer exibição de mensagens poéticas de caráter epigramático, assim como fragmentos e haicais, oriundos dos livros *Signos in excelsis*, *Azul grego*, *A chave azul* e *Hieróglifos* do poeta Francisco Ivan da Silva. A experimentação de mescla em instalação de versos e fotos para leitura em ambiente de grande circulação ocorre em ambiente decorado com elementos figuradores de uma galeria de museu organizada para exposição temporária com tapetes, música e luzes. Tal como foi ocasionada, o experimento promoveu também a tematização de uma biblioteca virtualmente perceptível aos transeuntes devido aos efeitos de perspectiva promovidos pela relação frente-fundo das imagens do poeta a cada uma das fotos.

As próximas páginas apresentam um poeta estudioso do barroco, praticante de uma poesia neobarroca, tal como discute a poesia americana Haroldo de Campos em *Barroco, neobarroco, transbarroco* (2004b). As considerações seguintes são como um convite a mais saber sobre o poeta Francisco Ivan como o escritor de reprimaveras cujo princípio ativo vital é demorar-se em leitura-escrita como ações unas. A permanência viva de seu intelecto exhibe-se como um arco-íris a representar renovação como uma espécie de modelo para quem estude os parágrafos seguintes com atendimento dos convites para saber mais ao ir além do que faz este livrinho. Em um mundo semeado de fragmentos de paraíso e de inferno, imundo muitas vezes em tudo, o prazer de uma vida intelectual pode sanar alguma sede revivescida de vida.

O JARDIM

A experiência poético-visual originadora desta antologia de estudo da poesia de Francisco Ivan foi chamada *Um jardim para Adriano* com inspiração na dedicatória “à memória de Adriano”, registrada na mais sugestiva das obras do poeta para uma apresentação pública de poesia. Tal dedicatória do livro *Signos in excelsis* está na obra mais adequada para a exposição que estou revelando dentre outros livros do poeta. Como a primeira reordenação amostral dos poemas antológicos da obra mais ampla e multifacetada do artista, pratiquei uma ação de reedição poética em antologismo como leitura criativa. Estas páginas são dedicadas a fazer entender melhor os poemas reunidos assim como a proposta editorial agora tornada livro.

O nosso poeta Francisco Ivan já se fez revelar, capitão das águas dos tempos da memória, conhecedor do amor, não de contingências nas ondas do caos, mas do profundo da integridade de homem. Do amor em suas vicissitudes sabe o poeta, aspecto da vida frente ao qual tem um dizer a ser introjetado com seu entendimento de que, via linguagem, o homem penetra mais e mais no enigma da existência: “um poema é a voz do autor; sua entonação” (IVAN DA SILVA, 2019, p. 292). De linguagem apaixonada, expressa o mistério da existência com o ensino de que a poesia de todos os poetas nasce de suas vidas. Por isso, o leitor não saberia quem é o poeta se não fosse sua poesia. Mas não é de circunstâncias confessadas que é feito o homem maior instaurado na língua como o poeta conhecido por nós; antes é do que ele faz com o vivido que nasce o poeta. Para mais entender os poemas já lidos e comentados logo a seguir, *O livro da dor e do amor* de Juan-David Nasio (1997) esclarece as noções de luto, dor e amor, como também o fundamental estudo *Luto e melancolia* de Sigmund Freud (2013), os quais permitem ver com maior nitidez o poema mirador dos mares da memória esculpido nesta antologia como as peças de sua obra.

A ciência do legado de um escritor é processo infinito com perduração gerada por retomadas reinterpretativas realizada para atualizar o passado pelo presente de leitura compreensiva. O processo hermenêutico operado pelos antologistas a fim de mediar o contato dos leitores com uma poética, caso desconsidere a relação compreensão-fruição, é falho, ao não se adequar a essas variáveis do processo de apreensão. O público em contato com essa primeira delimitação da imagem da poesia ivaniana, dentre tantas outras que sua reinterpretação poderá sugerir, encontra um discurso sempre voltado para fazer entender a fim de fruir os poemas reunidos e reordenados.

A quem interessar descobrir mais sobre o valor de uma ação editorial antológica, bem como sobre a historicidade da prática de reunir sob certo critério uma parte da obra de um ou mais de autor pode se apropriar de certa bibliografia. Para aprender mais sobre antologias, são exemplos de estudos eficazes os artigos de Silvana Serrani: *Antologias, discurso e memória cultural* (2015); *Antologias bilíngues: memória transcultural e ensino de língua* (2011); *Antologia: escrita com-*

pilada, discurso e capital simbólico (2008); *Poesia Ibero-americana: citações e representações do Modernismo em antologias* (2001). Importante para melhor entender este livro de poesias de Francisco Ivan também são os estudos *A guirlanda de sua Guirlanda*, de Flavia Vasconcellos Amaral (2009) e, principalmente, o capítulo de livro *Tres antologias: la formulación del canon*, de Anthony Stanton (1998), para revelar a capacidade de uma antologia de interferir na história de leitura de uma poesia. Assim como o bonito ensaio de Alfonso Reyes (1962) chamado *Teoría de la antología* que muito ensina sobre a prática antológica.

Quem desejar ir além no estudo de como ocorrem as modificações do *status* de uma obra para diferentes públicos pode procurar pela obra do estudioso Hans Robert Jauss. Alguns textos podem esclarecer mais o processo de elaboração da antologia de poesia de Francisco Ivan como fazer criativo participante de sua história de leitura como *Estética da recepção: colocações gerais* (JAUSS, 1979a), *O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis* (JAUSS, 1979b), *Pequeña apología de la experiencia estética* (JAUSS, 2002) e *The identity of the poetic text in the changing horizon of understanding* (JAUSS, 2001). Poderão as pessoas mais interessadas no fazer editorial praticado para compor este livreto conhecer mais sobre a leitura de poesia para compreensão poética, para manifestação afetiva e para renovação compreensiva, fenômenos manifestos de maneiras variadas ao longo do tempo pelas diferentes concretizações de exegese das obras de um poeta.

Desde a capa com seu título, esta coletânea literária tenta propiciar condições a leitores de fundir o horizonte de elaboração com o horizonte de expectativa na recepção das obras. A seleção veio a surgir especificamente para sanar uma necessidade de atualizar a relação entre o público e a poesia na sugestão de uma interpretação sem intenções ideológicas nem comerciais, mas crítico-estéticas e inventivo-recreativas. A reunião de poemas de Francisco Ivan pode funcionar como marco inicial de recepção reinventora de sua obra, um ponto de partida para um antologismo como operação leitora para compartilhamento e multiplicação de fruição poética e formação intelectual. Todos quanto desejarem podem entender mais sobre a origem histórica de ser tomada a obra de um poeta para ser reunida segundo uma disposição determinante da leitura, ela mesma orientada por títulos criados por quem a copia.

Permite compreender essa prática copista de inventariar um poeta para reinventá-lo no Brasil do século XVII, o do barroco, o estudo do livro *Para que todos entendais – Poesia atribuída a Gregório de Matos e Guerra – Letrados, manuscritos, retórica, autoria, obra e público na Bahia dos séculos XVII e XVIII*, de João Adolfo Hansen e Marcello Moreira (2013). Também tem olho no barroco a criação de biografia como homenagem tal como a praticada com a disposição encimada por textos empregados como didascálias. Os títulos formulados entre colchetes como ação editorial destinam-se a fazer do poeta Francisco Ivan um mestre da cidade a partilhar seu luto em forma de poesia no ensinar deleitoso da sabedoria de conviver com os momentos melancólicos com mesma dignidade de fruir os tempos eufóricos. As publicações para saber

como o século XVII praticou a escrita de biografia não como documento histórico de veracidade, mas como homenagem artística de louvor são as seguintes: *Manuel Pereira Rabelo, autor de A vida do Doutor Gregório de Mattos: um fantasma da literatura brasileira* (2006) assim como *Intertextos movedições: Gregório de Mattos, Rabelo e Pinto Brandão* (2013), de Silvia la Regina.

O BARROCO

A apreciação guiada com explicação de como fora montada a exposição ensejou *insights* a quem dela participou. A circulação corriqueira pelo espaço, antes apenas de circulação e de administração, convertido na ocasião em lugar de artes poética e visual, gerou surpresa, quase que susto a quem foi mesmo chamado a ler as palavras daquele poeta que olhava quem passava. A apresentação dos motivos poéticos no lirismo contemporâneo da poesia de Francisco Ivan revelado à luz do signo barroco como categoria aventada para leitura crítica associa-se a aspectos da cultura do barroco para fazer a construção arquitetônica de luz, foto, tapeçaria, poesia levar os leitores a verem a técnica barroca de emprego de recursos verbo-visuais para determinar mentes e corações a partir de obras abertas à necessária presença do espectador-leitor para se fazerem funcionar como obras.

Essas ideias assim sumarizadas eram indicadas a cada etapa da exposição sobre o barroco como arte urbana de exploração de técnicas visuais a serviço da Coroa e da Igreja no século XVII. Quem desejar saber mais sobre a época de livros aos milhares de escritores a serviço de determinar mentes e corações junto com artistas de fazer hiperrealista com a suntuosidade que a exposição de poesia ivaniana lembrava, não na modéstia dos ornamentos, mas na explicação dos motivos, basta estudar o livro *A Cultura Do Barroco*, de José Antonio Maravall (1997).

O ambiente funcionou como lugar para experimento verbo-visual ao criar condições de despertar a curiosidade dos visitantes transeuntes para a poesia lírico-intelectual do artista da palavra excelsa Francisco Ivan da Silva. Mas foi planejado para ir além dessa preocupação própria de quaisquer salas temáticas constituídas por um curador, seja profissional, seja amador, seja aprendiz. A configuração ambiental, pois, foi pensada a fim de ser uma tentativa efetiva de revisitar o fazer barroco de sugerir movimento e obrigar leitura. Assim deu-se a imersão de quem cruzou os labirínticos pontos de aproximação de poemas e imagens instalados.

A arte de movimento em arquitetura e em escultura foi lembrada com a fotografia tal como a igreja de São Francisco em Salvador tem decoração elaborada com recursos técnicos ópticos para fazer a percepção de imagens se moverem circularmente como a ave branca representativa do Espírito Santo da Trindade divina católica. Os transeuntes de es-

pontânea vontade ou sob coercitiva imposição experimentaram a sensação de movimento no olhar do poeta devido ao percurso imposto na exposição. Tal ocorrência deu-se tal como o mesmo templo baiano obriga quem circula a passar por certos corredores como únicos pontos livres de móveis de onde ocorre o efeito visual de imagens se moverem horizontalmente como pêndulos, as pinturas de colunas pintadas realisticamente.

Tal como as igrejas barrocas construídas por navegadores fazem ver como que a formação de casco de navio diante de quem olha para suas paredes a partir do púlpito; assim também foi provocado o transeunte a ver um poeta em sua biblioteca olhar para quem passava por aquele corredor do tornado lugar de poesia. Quem desejar saber mais sobre a força do catolicismo sobre a vida na Península Ibérica para pensar seus reflexos sobre os Estados do Brasil do Grão-Pará, o Brasil do século XVII, pode encontrar larga informação. O estudioso Fernando Rodríguez de la Flor tem ao menos três livros muito úteis ao entendimento de como as Coroas da Espanha e de Portugal fizeram seus países imergir em obscuridade se comparado com o que ocorre em lugares vizinhos. Pode lançar mão da leitura dos livros de Fernando Rodríguez de la Flor como *Barroco: representación e ideologías en el mundo hispánico (1580-1680)* (2002); assim como de *Emblemas: lecturas de la imagen simbólica*; assim também *La península metafísica: arte, literatura y pensamiento en la España de la contrarreforma* (1999) para mais ainda entender como a época de queda nas condições de vida viu nascer uma arte de crescente elaboração técnica.

A exposição de comentários aos poemas a seguir desenvolvida imita a mostra poético-fotográfica quando apresenta fotos como *Trompe-l'oeil*, como engana-olhos, como forma de produzir ilusão de óptica de uma perspectiva no jardim do poeta, sua biblioteca. A técnica de engano do olhar, de armadilha para a percepção, fora usada em pintura ou arquitetura mesmo antes do século XVII e largamente durante o século do barroco. Com emprego de fotografia há a atualização da técnica na arquitetura da exposição *Um Jardim para Adriano*.

A busca por fazer *Trompe-l'oeil* deu-se com emprego de técnica artística do truque de associar a posição de passagem do transeuntes a ver as fotos com suas perspectivas para criar ilusão de dinâmica. De forma alguma a sua execução foi afastada de proposta educativa, pois ultrapassou deleite de ver para atingir o sentimento da descoberta. O prazer de contemplar fotos-poesias sob a ótica de cada leitura fez com que formas imóveis sugerissem em movimento. Esses aparentes movimentos e o posicionamento das imagens é recurso persuasivo já empregado pela arquitetura barroca para obrigar as consciências a se abrigarem sob o signo do catolicismo.

Na exposição, inseridos mesmo nela, os transeuntes puderam, ainda que por um instante, e talvez para alguns de modo imperceptível e para outros bem certo de forma muito consciente, transitar por uma biblioteca. Mais do que isso, as fotos postas horizontalmente perpendiculares para visualização a noventa graus por quem fosse tomado pela percepção

poderia mesmo visitar uma cabine de curiosidades à moda das vertiginosas reuniões de objetos dos colecionistas do século XVII. As fotos faziam ver santos, livros, cartazes, pinturas: um convite a querer saber o que haveria a cada foto-cômodo-galeria daquela simulação de outras ambiências. As fotos funcionavam como janelas ou portas para visualmente acessar o aposento intelectual do poeta, voltado como está a cada foto a quem lhe olha a ouvir sua poesia, por isso não as fotos em si, mas a sua disposição, funcionou como apropriação da técnica com exploração dos limites entre imagem e realidade. Quem desejar se divertir com saberes sobre o colecionismo ligado ao desejo barroco de congregar tudo pode visitar *A vertigem das listas*, de Umberto Eco (2009) para saber mais sobre as cabines de curiosidades que são cada uma das fotos reproduzidas logo nos parágrafos a seguir, as mesmas que estavam lá na exposição poético-fotográfica.

A engenharia do prédio passa a dar lugar ao suporte do papel e a ambientação fica substituída pela diagramação para quem leia os poemas e as fotos neste livro fruindo o artifício arquitetônico da conexão imagem-palavra. O livro como objeto para jogo aberto à participação do leitor e dele dependente para funcionar em ultrapassagem de ser o suporte para a palavra impressa para atingir sua conversão em estético objeto pode bem ter na *Trompe-l'oeil* a armadilha para fisgar o leitor. O entorno dos poemas vai aí em um misto de realidade e simulação a que pode se entregar o público em pacto ficcional de se ver em visita à cabine de coleção do poeta em sua casa museu de tudo. As fotos intensificam os poemas na realidade do livro, que, bem verdade, mais espera pela entrega do leitor do que gera ilusionismo para captar sua percepção. Mescladas aos textos estão as fotografias cuja combinação potencialmente provoca ilusão de óptica interna de um poeta no interior de seu lugar de vida intelectual envolto em móveis, livros, esculturas a fitar seus leitores.

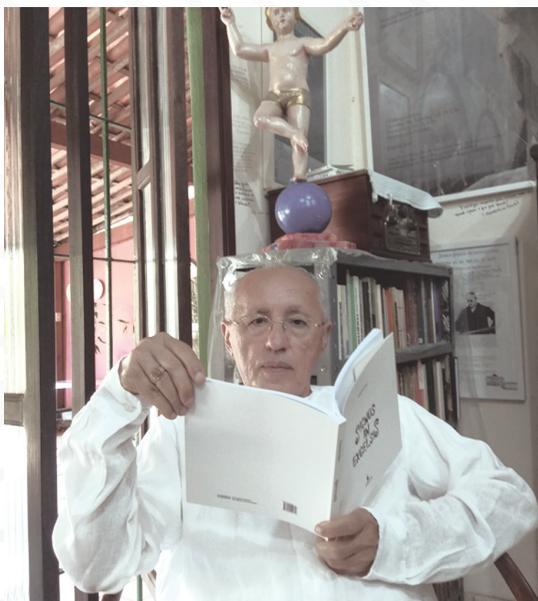
Foram dez os principais poemas dispostos para confrontar a percepção dos leitores transeuntes, convidados que pararam para apreciar outros poemas longos dispostos ao alcance. Os textos foram postos juntos com fotos de alta resolução na altura média de quem transitava pelo espaço delimitado para uso administrativo. Por dias, ali tornou-se lugar de poesia e de imaginação. Passo, então, a comentar os versos exibidos. De cada uma das obras de onde retirei o meu poeta Francisco Ivan navegante do tempo, marinheiro da memória, escolhi ao menos um poema para comentar. Caro leitor, cara leitora, são primeiras palavras abertas as do diálogo contigo. Com elas, incito ao excitante prazer de fazer novas descobertas nos mesmos ou em outros poemas para melhor definir o nauta da vida ou outro poeta para ti mais conveniente.

POEMAS E FOTOGRAFIAS

De entrada, uma flor branca era exibida com o flagrante poema diante dos olhos de quem entrava no vão iluminado com poesia:

Uma flor murcha
branca
evanescente no jardim
Francisco Ivan da Silva (*Signos in excelsis*)

Além de a brevidade da poesia ser de causar perplexidade, com mais espanto à compreensão as fotos logo a seguir exibidas, torna-se inescapável realizar um passo bem atrás ou uma pausa pouco à frente para terminar de ler o que o poeta estaria recitando antes de passar o que se vê:



O poema de caráter de *haiku*, obra completa em si na brevidade de poucas sílabas em palavras tecidas para captar um instante, contém palavra símbolo da estação primavera, “flor”; mas também o duplo sentido de “murcha” como ação e como estado ao mesmo tempo: a primavera está passando na representação do tempo que faz a imagem da natureza morrendo estes *Signos in excelsis*:

Uma flor murcha
 branca
 evanescente no jardim
 Francisco Ivan da Silva (*Signos in excelsis*)

Chama-se metonímia a substituição de uma ideia por outra nas representações que a linguagem faz. Por meio de metonímia, uma palavra funciona como signo de outra: a flor que murcha é o tempo que passa, é o sujeito que a observa. Captar esta última ideia de outra substituição no poema pode ser um pouco mais delicado a depender do sistema de referências do leitor, mas parece uma verdade possível a de que o poema faz uma substituição, uma troca metonímica do objeto percebido por quem o percebe. Quando li esse poema pela primeira vez, eu fui às lágrimas, pois era eu a flor a murchar naquela data. A natureza na poesia de Francisco Ivan, a natureza da poesia de Francisco Ivan, juntaram-se ao meu estado de alma: tudo provocou em mim essa emoção para renovar meu olhar sobre mim mesmo. Tempos depois, para escrever este livrinho, li sobre o gênero de poema chamado *haiku* como próprios da cultura japonesa, muito praticados pelo poeta Matsuo Bashō (1644-1694), enquanto descobria esse caráter metonímico da poesia nipônica.

Quem despertar para ir a fundo no aprendizado da tradição oriental de que participa a obra de Francisco Ivan encontra apoio em livros do seu mestre Haroldo de Campos. O livro *A Arte no Horizonte do Provável* (1969) contém dois capítulos, *Haicai: homenagem à síntese e Visualidade e concisão na poesia japonesa*, úteis para melhor apreender a poesia ivaniana como valorizadora de uma iconicidade óptica do cotidiano para uma interpretação do mundo objetivo em observação das coisas enquanto tecem seu destino. Mais densos e por certo tão úteis quanto esse são os estudos *Ideorama, anagrama, diagrama: uma leitura de fenelosa* e *Os caracteres da escrita chinesa como instrumento para a poesia* do livro *Ideograma: Lógica-Poesia-Linguagem* de Haroldo de Campos (2000). Poderão as leituras fazer ver mais claro como o poeta Francisco Ivan destrói a forma automatizada de ver as coisas para possibilitar nova construção da mirada no sentir daquilo que toca ao se mover na vida como uma presença do ocidente na poesia em português, por exemplo, em *Hieróglifos* (2015) e em *Signos in excelsis* (2015).

Ao prosseguir, seria difícil evitar a pergunta sobre quem seria aquele leitor a olhar para o livro antes de encarar a pessoa que passa. Eis outro ponto de parada iluminada:

Deixa cair de ti a alegria
 Como cai a flor do jardim;
 Nunca foi tão murcha
 a flor branca do jasmim.
 Francisco Ivan da Silva (*Hieróglifos*)

Luzes artificiais estão com foco no poema de convite à aceitação dos estados de alma tão naturais ao ser humano quanto é o nasce-morre das flores, recitado como é poema no semblante resplandecente do homem com livro na mão:

Com seu caráter epigramático, a obra enigmática se completa em si na economia de limitadas linhas abertas ao leitor, o poema apresenta na mensagem poética a inscrição síntese de eventos ou de vida memoráveis neste dentre outros *Hieróglifos*:

Deixa cair de ti a alegria
 Como cai a flor do jardim;
 Nunca foi tão murcha
 a flor branca do jasmim.
 Francisco Ivan da Silva (*Hieróglifos*)

A pequena composição em verso sobre o tema da transitoriedade dos bens da vida, por vezes intensificados em certos pontos da marcha humana, é representação sem mancha patológica do “cair” da “alegria”. A queda da felicidade bela em flor está sob a forma de um epigrama aberto para o leitor saber criar sua leitura para o fato de “nunca” haver algo tão precário, momentâneo e frágil quanto o estado da “flor branca”. No “ti” com que o poema se dirige ao leitor, vai o poeta todo, a voz poética, não a biografia, representada em uma riqueza metonímica de substituições deixadas para leitura de quem pare para ver o poema e ouvir o poeta. Deixar-se isento de alegria quando das noites da alma é condição necessária para renovação exigida ciclicamente de modo tão natural ao humano quanto ao jasmim. Saber navegar no tempo sob as tempestuosas memórias é o que se aprende do imperativo “deixa”.

O poema, lido como epigrama, pode ser entendido como eco da cultura da Grécia Clássica cujos epigramas eram inscrições postas em estátuas ou mesmo em tumbas. Poderia o leitor imaginar o poema como um exemplo de epitáfio, mas eu preferi abraçá-lo como um convite em meu olhar para o poeta que tem nostalgia do futuro, como um marinheiro para quem o chegar é o anseio, não o haver passado é o contentamento. O poema me soou como incitação a viver plenamente todas as intensidades possíveis ao ser humano, as quais implicam, mesmo a dor da queda, do cair da alegria. Pude, pois, imaginar que narrativas poderia eu empregar para ser o poema sua síntese e pensar outras que seriam da vida do poeta, que seja. O engenhoso contraste de situar “alegria” ao lado de “murcha” do breve poema aberto ao meu entendimento tornara-se um rótulo ou inscrição para meus momentos de morte-renascimento.

A seguir, os enigmas dão lugar à metáfora de ave para representar a exploração dos sentidos no jardim de cor em *Azul grego*:

AVE SUAVE

Das folhagens de meu jardim,
 Saiu, voou contente a me beijar,
 E me cravou no peito o bico,
 Suave, frágil, agitado, delicado.
 Desenhou sobre meu rosto
 Cruz e espada dando voltas acelerado.
 E minh'alma, do coração a chave
 Entregou-lhe adormecida.

Francisco Ivan da Silva (*Azul grego*)

Breve como um epigrama, o relato do memorável surpreendente momento natural de êxtase tão naturalmente fotografado quanto o de queda da alegria tem sua narrativa de contar episódio sensual da vida com mesma sabedoria de registro da experiência da queda da alegria. O tom aforístico de adágio da sapiência de deixar viver a tristeza agora deixa seu lugar na linha de poemas para o elogio da felicidade de um momento. Quem esteja visitando este nosso lugar de poesia percorre linha com ponto de elogio da morte em vida como é próprio da existência; assim como logra ver, sucedido daquele, este ponto distinto local para ver a beleza da vida em sua intensidade. Uma vez mais estava o poeta declamando com seu jardim ali à esquerda.

O poeta está no terraço a declamar reflexivo seu poema com sua sequenciação de eventos narrativos. Seu texto é conjunto de proposições organizadas para demarcar uma quebra da normalidade em realidade dividida pela marca de um antes frente a um depois. A faminta ave singela é tornada símbolo da entrega sensual em êxtase:

AVE SUAVE

Das folhagens de meu jardim,
 Saiu, voou contente a me beijar,
 E me cravou no peito o bico,
 Suave, frágil, agitado, delicado.
 Desenhou sobre meu rosto
 Cruz e espada dando voltas acelerado.
 E minh'alma, do coração a chave
 Entregou-lhe adormecida.
 Francisco Ivan da Silva (*Azul grego*)

Com o poeta, apreende-se a sabedoria da sensualidade com o ensino de que a linguagem é um mundo de desejos; desejos místicos e espirituais; desejos da alma humana. Tudo construção de linguagem no nexo língua-mundo em sua referencialidade, o curto poema é inteiro entrega ao usufruto dos bens da vida na dádiva de permanecer no outro, na violação do eu, na voracidade suave de um idílio sem mancha de censura. Nenhuma pecha há de estigma no adormecimento de humano amor que fica e revifica. Entrega involuntária, dominação permitida, a imagem do poema flagra a vivência memorial com o objeto amado. A partida daquele que detém a chave do desejo é ausência que faria murchar o evanescente eu, faria cair a alegria em crise necessária ao renascimento para outra vez poder viver o suave voo de ave de bico cravejante.

A sondagem da memória no tempo infinito da consciência examinada é plena, não lacunar na sabedoria de converter a ausência na presença do haver vivido. No contar de si com o emprego de um “me”, ali está a experiência tornada sabedoria para nós aprendermos a vida, a vida que há no entregar-se adormecidamente ao momento, mesmo fugazes sendo os seus prazeres. O pousar sem repouso da “ave” predicada com rima “suave” em nada tênue proceder descrito vai uma acusação, não uma falta, mas uma presença na consciência em deleite pelo haver sido. Em deleitosa paixão, o poema se atém à necessidade não somente de sentir, mas se estende à demanda de fazer sentir; não somente de se aperceber, mas de fazer perceptível o sensualismo. O poema vai dito ao pé do ouvido como um ato de confissão concentrado no segredo em uma linguagem com necessidade não somente de sentir, mas de fazer sentir, não somente de fazer a consciência perceber, mas de fazer perceptível ao ouvinte: consciência de si e consciência de outrem. Os agudos contrastes da “suave” ave “cravejante” em “cruz”, nessa sonoridade ecoante de sonho em vigília, no passar da “espada”, há a arte de engenho poético de representação da vivência amorosa livre de predicativos limitadores da admissão do livre gozo.

Ao avançar pelo labiríntico corredor, o visitante é fígado a parar para ver uma representação da ausência a falar ao coração do poeta como exatidão de todas as coisas. Na contemplação meditativa de um instante, há a poesia de sábio a recitar entendimento que pede *A chave azul*:

Cintilando seca,
Cai a rosa sobre a grama.
Um nada,
A rosa-roxa sem espinhos
Caindo na grama, ao vento,

Exata em si,
 No tempo de nascer,
 No tempo de viver,
 No tempo de crescer,
 No tempo de morrer.
(A chave azul)

O poeta oferece um poema-pintura para fazer da palavra representação primeira do instante na exatidão da queda de uma rosa. A urgência do tempo perenemente a tornar ruína está na pintura de natureza morta a sugerir a presença da imagem ruínosa de beleza transitória exalada toda. O jardim do poeta tem a figura da inexorável corrida dos instantes a deteriorar tudo com a fragilidade da rosa despida e desarmada na queda a ser signo símbolo da medida de todos os relógios. A sabedoria de haver tempo para todas as coisas no vazio de nada, do existir para perecer repousa na poesia do instante para todo propósito debaixo da terra. A voz poética de sabedoria proverbial toma o público com a verdade de que breve é o tempo das rosas na serenidade do sério fitar.

O poeta está no recanto da sua biblioteca, no seu jardim de autores, a fitar o leitor para fazer ver a sequência de aspectos da figuração da rosa no exato instante do tempo de sua degeneração ruínosa. Sua voz faz ver a imagem na grama para revelar o sujeito na contemplação, um nada desarmado sem “espinho”, no humano a morrer no transcurso do tempo. A finda peça morta de passada beleza é tornada viva representação de sabedoria para aquele que ouve a voz do que fala de sua biblioteca:

 Cintilando seca,
 Cai a rosa sobre a grama.
 Um nada,
 A rosa-roxa sem espinhos
 Caindo na grama, ao vento,
 Exata em si,
 No tempo de nascer,
 No tempo de viver,
 No tempo de crescer,
 No tempo de morrer.
(A chave azul)

O habitante da companhia de livros e livros ergue a palavra atualizadora do motivo para poetas milenarmente haverem se levantado para fazerem falar a sabedoria no lidar com a vaidade. Quem percorre essa mostra de arte poética conhece o processo de assimilação barroca da “visão da morte” com que o homem dessa cultura se deparava no século XVII, agora, na poesia de um homem do século XXI. “Um nada” é a rosa aberta para o jardim da solidão do poeta em sua recepção criativa de reação à vaidade, à vanidade do vazio de tudo, do bíblico *Vanitas vanitatum et omnia vanitas* tão repetido pelos poetas barrocos do século XVII (HATZFELD, 2002, p. 77-78), proveniente do velho sábio colecionador de provérbio do poema sapiencial Eclesiastes cuja palavra na *Vulgata* lê-se “*Vanitas vanitatum, et omnia vanitas*” (BIBLIA VULGATA, ECLESIASTES. 1:2). A cultura do barroco, dos estudos desenvolvidos pelo poeta em mesma biblioteca, faz-se poesia. Há “névoa de nadas § tudo névoa-nada” na beleza e em tudo o mais da vida, grita do jardim biblioteca o poeta: “Para tudo § seu momento §§§ // E tempo para todo evento § sob o céu” na transcrição de Haroldo de Campos (2004a) para o *Eclesiastes*, *Qohélet* = *O-que-sabe*.

Permanece o público visitante diante de um intelectual praticante criativo daquilo que tem consciência investigativa para ciência do que seja o poeta: “não é o que vê e copia as formas de expressão instituídas pela consciência, mas o que se deixa guiar por essas indicações e as submete a novas experiências dentro de seu idioma linguístico e as transforma em uma linguagem, singularmente inteligente” (IVAN DA SILVA, 2019, p. 272). Ao final da exposição, desta que agora teço e daquela que outrora montei, há lugar para quem de-seje demorar-se enamorado da poética ivaniana:

A memória,
 Abismo entre tu e eu
 Palpável,
 Vivida,
 Sem dar mais um passo,
 Pede conta da vida.
 (*A chave azul*)

Quem esteja já à procura da poesia não mais persuadido a ler um poema no meio do caminho, mas parado a meditar nas laterais do espaço, pode encontrar agora outros poemas também em versos não sobre acontecimentos, sobre incidentes pessoais. O visitante que penetra no reino das palavras da biblioteca ganha a chance para entrar no “abismo” de seu eu, no espaço onde o relógio é um eterno agora. Há outros poemas com operação inteligente da consciência de linguagem para ser percebida com *A chave azul*:

Cultivo uma rosa roxa
De julho a janeiro,
E toda água do mundo
Se encolha na concha
De uma bromélia,
Que cultivo no jardim.
(*A chave azul*)

O poeta do jardim marca seis meses, sete meses ao navegar no tempo da memória no crescer de uma bromélia em poema que é em si figura de tempo na natureza do microcosmos de um jardim. O lugar do poeta é investido de representação infinda de “toda água” eternidade, no não tempo dos afetos, do desejo, do inconsciente. Bem se vê um canto triste em todo humano ainda que um íntegro intelectual artista, mesmo diferente do cindido homem seiscentista entre paraíso e purgatório; mesmo que fora da fragmentação reificada dos homens dos esquemas de poder e dos desejos de consumo, do fetiche da compra e do dinheiro da mercadoria. Todo homem humano há de se ver um dia, se sorte houver que ouça, diante de um canto sentido como triste:

No azul serranil
Das curvas do vento
Em galhos sobre a areia,
Amarela um canto triste
Que bem se vê:
Bem-te-vi.
(*A chave azul*)

Todo ser poderá, em algum momento, ser convulsionado todo pelas turbulências do luto, da falta, do vazio, seja pelo abandono, seja pela rejeição:

Eu,
Tresnoitado,
Ardente,
Espinheiro.
(*A chave azul*)

Todo ser humano encontra na poesia do remador das correntes marítimas da memória fixador desses poemas um escultor consciente de si e da vida para sua obra ser em si uma lição de superação de assujeitamentos. Dominar a língua-linguagem no mais alto grau de elaboração, o de transmissão de comunicação poética, é ato sapiencial a dizer por si das possibilidades de plenitude de vida mesmo em tempos de morte. Não uma confissão de pesares, mas uma educação dos sentidos para o aprendizado de saber sentir todas as experiências como perfeitamente compositoras do que é o humano ser e o que representa a composição poética do meu poeta velejante mirador do mar de memórias.

A poesia desta exposição é de inteligência consciente de haver um mover-se no mundo desenganado. Não se trata de poesia para representação do que for a sofreguidão de males terrenos frente a aspirações celestes, como é a barroca expressão dos poetas estudados por Francisco Ivan. A poesia ivaniana fala ao mundo em atualização do que há de humano em toda arte a expressar o que há de perene no humano, de dor em dor e de gozo em gozo como é natural da inconstância da vida. O poeta vai doando a graça da poesia em sua essência cristalizada na consciência poética. Quanta ternura em verdades ditas ao recriar as possibilidades de dizer é ofertada por quem escreve. Quem ouve os poemas do leitor da biblioteca nota como se revestem de novidade em dizer de um “canto” que se “amarela” na uma marcante sinestésica imagem sensual de um “espinheiro”. Ternas eternas imagens para nomear o por vezes inominável da alma que há na poesia ivaniana.

A certo recanto, há um canto para novos cantos, há poemas para o convite de quem deseja se deixar ficar um pouco mais na exposição poético-fotográfica em tempo para conhecer o navegante do tempo em seu jardim. O seguinte poema ainda não é de saída desta exposição poético-fotográfica, embora possam ir para ele diretamente todos os de passagem por aqui. As imagens de homem e de vida seguintes estavam ali ao lado da saída para quem desejasse sentar para ler-pensar-ouvir. Eis o primeiro, um *Ensaio poético*:

A primavera que agora vem
chora e floresce como pode!
Até o chegar falar dela
compreenderia esse breve florescer.
Nunca se sabe, é a sábia natureza
que se faz exposta em cores
para conservar em essência acesa
o perfume que filtra na flor.
(*Ensaio poético*)

O poeta telúrico observa os movimentos da terra como globalmente marcando as estações para fazer ver a vida em movimento. Às vezes de normalidade cotidiana de estação do ano; às vezes de abalos sísmicos de terremotos, de morte; a poesia faz lembrar a naturalidade do universo telúrico para fazer ver a normalidade de uma primavera que “chora e floresce”. Metafórica advertência sapiencial para convívio harmônico com opostos, o poema é abrangente sinalização de possibilidades de vínculo consciente entre o ser humano e o espaço circundante em uma unidade arquitetada para mostrar indissociável visão da vida frente à realidade terrenal. Não se trata de um sentimento oceânico de unidade difusa eu-mundo de indistinção com o mundo natural; nem de um rompimento distanciador da natureza com a desintegração humana. Trata-se de um fazer percebível ao ser humano na metáfora da passagem da estação do ano ao mesmo tempo de renascimento e de lamento como sempre pode ser a vida vivida a despeito da desejada. Olhar o poema permite a todo mundo ver de modo concentrado em si, o que talvez, sem a mensagem poética, fosse obstado pelos automatismos da percepção ou pelo alheamento de si.

Outro poema também registra os movimentos telúricos da poesia de Francisco Ivan, movimentos internos da terra do eu ofertados para atingir os leitores desta exposição que vai se encerrando com convite a novas visitas. A ligação poeticamente arquitetada com o universo pode ser aqui entendida como o jogo do eu com o indefinido representado pelo espaço em sua imensidão oceânica e sideral. O mar como símbolo da certeza de novas jornadas para quem sobrevive aos apuros da alma está no brado de louvor para *Thálassa*:

Estou eu aqui sentado em um porto seguro,
Mirando desde o Mar até o céu,
Na expectativa astral,
De uma estrela futura,
De fábula e firmamento!
Ai! Ah! Grita o Mar, agora, de novo,
Suavíssimo, ao ouvido!
(*Thálassa*)

Navegante do tempo demarcado por estações do ano, por meses do calendário e por fases da lua, por manifestações da fauna e da flora; também é um contemplador do tempo mítico. O sublime da imensidão estelar lança luz para novas fábulas epopeicas: representação da esperança de vida que pode ter o humano proceder no porto seguro das confabulações poéticas. Um sentimento telúrico de olhar para imensidão aquática e montanhosa, gigante como estrelas são as dimensões topográficas do mar em sua certeza de permanência frente ao homem que passa. “Ai!”; “Ah!”, há um grito de sonho com o porvir ou com o vivido sensual e gozoso nesse mar que é tornado humanizado como metonímia de um eu a se ouvir desejoso de novas jornadas suscitadas pelo sempre agora do não tempo do mar.

Belo é o poema, mas é também duro, em assim dizer que posso realizar sua leitura como prática de quem investiga o fazer poético:

a experiência de vida do poeta se enraíza e se transluz na matéria poética de sua poesia – metáforas, metáfora duras como pedras, metáforas elaboradas com o espírito barroco de joalheiro, metáforas esculpidas como pedras preciosas; quis mesmo que essas metáforas de sua tão dura vida chegassem às mãos do leitor (IVAN DA SILVA, 2019, p. 304).

Toda vida é dura quando vivida em plenitude a mim me parece ser forma de ler o poema, exemplar de obras telúricas cujo fazer faz retrato terrenal do território para alçá-lo à condição de ancestral pavor humano diante de sua finitude quando confrontada com a permanência dos mares e dos astros. A descrição da atmosfera poética retrata as forças internas da natureza como um elemento figurador das inquietudes dos indivíduos diante do infinito. O poeta se reveste de segredo para poder fazer os leitores se revelarem a si.

Estamos no final dessa nossa revisita ao jardim para reiterar a sabedoria de quem conhece o amor. O poeta revela mais uma vez como “a poesia de forma universal, ou a poesia de qualquer poeta, é sempre a recriação ideal da sua vida” com “a experiência de sua vida se enraíza e se transluz na matéria poética” (IVAN DA SILVA, 2019). Um poema ata o final com o começo desta exposição que vai assim se fechando em nexos para apreensão do sábio proceder quando as curvas da vida gerarem recônditos de perda de si, de

vazio existencial para serem pontos de parada e impulso para reviver. A mais natural das experiências, tão naturalmente impostas quanto a rosa perecer, a folha cair, a primavera passar, a flor murchar:

Eu perdi de vista o meu amor
perdeu-se no horizonte
há um minuto apenas
um minuto somente
Oh! Tu, meu doce amor!

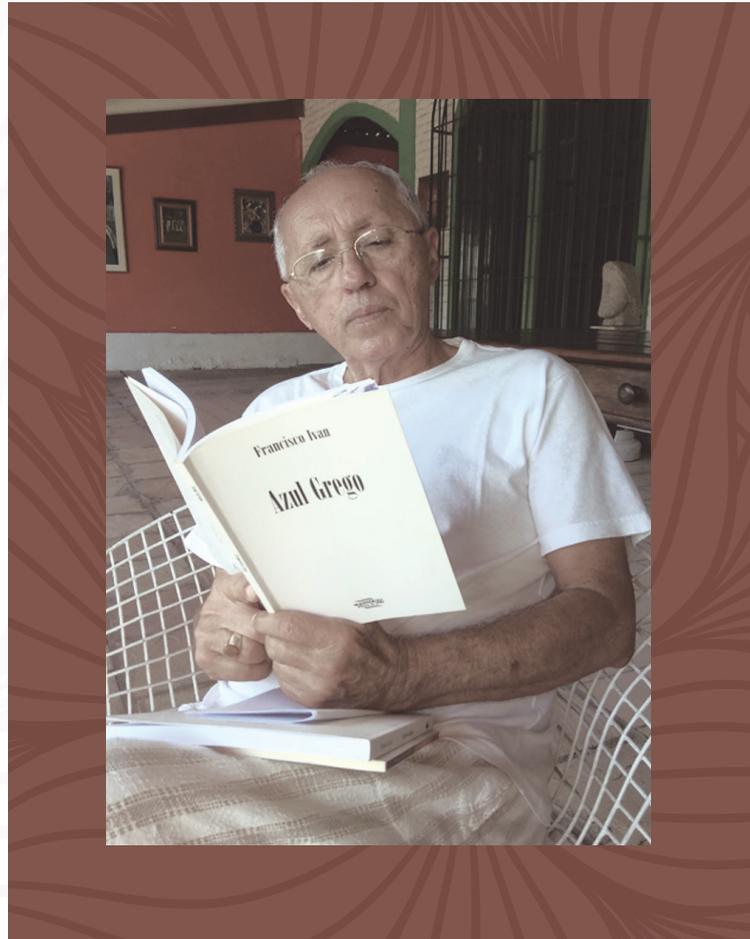
Francisco Ivan da Silva (*Signos in excelsis*)

Como que em *flashback*, pode o visitante desses poemas passar em revista o jardim poético à luz desse poema de perda lançada à elevação de doar poesia sábia em uma articulação de coexistência entre lúgubre e sensual no poema. O motivo de grande pesar para todo humano de ter de reorganizar suas energias internas mediante imensa transtornante dor surge no poema não como uma elegia, não como luto, não como morte; mas como louvor ao amor. Longe está o poema de queda amarga em desvelo de sentimentos melancólicos. Inequívoco é o louvor ao amor em detrimento do desaguar de mágoas em um paradoxo de conciliações temáticas de harmonizações para fazer ver o fato de que a revelação de duros sentimentos, o relato de longa viagem.

Não é o falar de uma cidade em ruínas de abandono o que vai no poema de fechamento da exposição, mas sabedoria de louvar o vivido no grito da renovação imposta pela falta. Pouco importa o sujeito material desse canto ao amor, à natureza da vida, pouco importam chuva e noite, fadiga e esperança. Somente significa no poema a presença de coexistências de alegre canto a entristecedor estado de alma para a sapiencial aprendizagem do viver sem medida cada instante.

O poema nem dramatiza nem indaga, mas ver a alegria na tristeza quando o prazer se desfia sem tempo de recomposição limpidamente escrito para quem esteja paralisado deixar o desespero a fim de encontrar calma e frescura na intacta potencialidade da poesia de educar enquanto deleita. O leitor que esteve a sós com os poemas pode agora repensar com paciência para tê-los como ainda menos obscuros quando consomem seu poder de palavra de sabedoria para navegar no tempo ao manejar as perdas ltuosas. O leitor pode contemplar o poder de silêncio de uma poesia isenta de derramamentos, de conceitos, de desprezo por ser mesmo cheia de vida, de prazer de viver, aberta para quem lhe traga a chave.

O poeta Francisco Ivan traz nos punhos *o arco e a lira* para lutar com linguagem e fazer poemas com a dualidade de retirar todo retoricismo poético e deixar a pureza da poesia apurar nos poemas. O escritor incorpora o discurso da poesia de modo a permitir aos leitores recuperarem o fato de que ela é conhecimento implicado em operação revolucionária capaz de mudar o mundo, se não generalizadamente, ao menos subjetivamente, uma agente de mudança radical: nas raízes. A poesia tomada para leitura antológica é resultado de um exercício espiritual de quem pratica escrita como atividade vital cuja mostra oferece aos leitores objetos culturais empregáveis como método de liberação interior. A poesia reunida para mostrar a itinerante viagem ao jardim poético revela um mundo pessoal e cria outros para a recepção de quem está convidado a uma viagem e ao regresso à terra natal. A um só tempo, poesia de vazio, de diálogo com a ausência, de tédio; também é poesia de oração, litania, epifania, presença: o intelecto da maturidade e o primitivo da infância alimentam o espírito poético da compilação ivaniana. Os poemas reunidos são fruto do cálculo de um intelecto leitor da vida e de livros. Testemunhas diretas da experiência poética, os leitores da viagem pelos poemas de Francisco Ivan poderão reconhecer cada uma dessas fórmulas em poemas a encarná-las.



4

UM POETA ANTOLÓGICO: FRANCISCO IVAN DA SILVA, A PRÁTICA ANTOLÓGICA, O SIGNO BARROCO

Tudo quanto vou dizendo aqui é para compor uma foto, talvez um álbum, mas, mesmo que assim seja com mais de uma fotografia, quero deixar uma imagem, um duplo que seja, mas uma impressão de homem e de obra, não um filme com intenção de retrospecto de uma vida inteira. Diferente de fazer um documentário vida-obra, vou contar um conto em curta metragem com alguns pontos sobre a poesia de Francisco Ivan sem intento de enumerar, narrar, exaurir a vida intelectual e o percurso criativo de um poeta ensaísta com fazer ainda em processo de construção. Quero oferecer este livro como um poema a captar um traço da realidade para deixar uma impressão de homem artista para os leitores, por isso tudo quanto digo é parcial e passional sobre a trilha crítico-criativa do leitor recriador autor Francisco Ivan da Silva. Quero fazer conhecer o homem Francisco Ivan de livros como um poeta navegante do tempo no conjunto de poemas editados aqui.

Abracei a poesia ivaniana como fonte de sabedoria para meu sentir, então delimiti aqui aqueles poemas que mais falaram ao meu espírito durante alguns momentos em que vivi o ímpeto de buscar amparo para o que estivera sentindo. Ali naqueles livros que me apetece estava a doação da palavra mais elevada generosamente concretizada para fazer ver a vida com olhos livres enquanto deleita o intelecto com as luzes do saber. Criei para mim um poeta encontrado nas páginas marcadas para reler quando precisasse viver viagem para além da imersão em mim. De tanto que reli para encontrar a voz do poeta, organizei este livrinho para dividir com outros o meu Francisco Ivan, poeta de terra e de mar itinerante nas ondas do tempo.

O POETA FRANCISCO IVAN

Compreender o título do ensaio *Um poeta em leitura ficcional: Francisco Ivan da Silva, a prática antológica, o signo barroco* esclarece todo o percurso desta antologia. O autor cuja obra tem parte aqui republicada e comentada nasceu em Currais Novos, Rio Grande do Norte, em 27 de junho de 1946. Aquele menino viria a ser um homem de letras ainda bem moço em seu processo de formação de uma mente intelectual voltada ao prazer diletante. Ainda quando fez seus estudos iniciais, o chamado curso secundário, antigo Curso Ginásial, estudou, em condição de interno, no Seminário Diocesano de Caicó. O leitor pode aprender uma linha sobre como se constitui um poeta com o fato de ser dessa época a vivência de profunda experiência de fruição artística e de desafiante estudo escolar. Machado de Assis e José de Alencar; Virgílio e Homero em dias de leitura silenciosa e durante horas de recitação coletiva marcam a vida do poeta que iria ser aquele jovem Francisco Ivan da Silva.

Na mesma condição de devoto dos livros em santa separada paixão prazenteira pelo saber, o rapaz Francisco Ivan fez o Curso Clássico, no Seminário São Pedro da Arquidiocese de Natal. A formação universitária deu-lhe o título de Licenciado em Letras pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no ano de 1972; mas nunca caiu na condição de repetidor mecânico de saberes por outros buscados, o risco atual para quem esteja na condição de professor. Ensinar Literatura Brasileira no Departamento de Letras da UFRN funcionou como uma conveniência para a vida intelectual de leitor silencioso. Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), onde ensinou Teoria Literária, soube trilhar todos os caminhos acadêmicos livre de sucumbir às pressões da burocracia organizacional. Quem pôde desfrutar de sua atuação docente teve oportunidade de conviver com uma encarnação de ética no exercício profissional e de honestidade intelectual na reflexão acadêmica.

A poesia de Francisco Ivan reflete sua trajetória intelectual de leitor aberto ao diálogo permanente na convivência com seus pares e com seus estudantes. O professor Ivan nunca deixou de ser aluno, intenção deliberada de seguir sendo aprendiz realizada pelo convite permanente, com viabilização mesmo monetária, realizada até com emprego de recursos próprios, para fazer vir ao seu encontro personalidades da vida intelectual. Dizendo vou a tudo parcialmente, aluno de poesia foi Francisco Ivan, a estudar com Haroldo de Campos e com Décio Pignatari; professor diplomático a receber a psicanalista Miriam Chnaiderman e o brasilianista Kenneth David Jackson.

Humilde leitor de grandes nomes, como Octávio Paz e Jorge Luis Borges, as letras fizeram do intelectual praticante da docência um ensaísta. Da compreensão das obras artísticas de Raul Pompeia, Guimarães Rosa, James Joyce, García Lorca, Augusto dos Anjos sistematizadas pela ensaística de Francisco Ivan podem ser fisgados os *insights* para percepção de seu fazer poético. Divulgador de nomes consagrados da literatura, também buscou

consagrar nomes pouco divulgados em outras linguagens artísticas, a exemplo de Dimas Ferreira, escultor do Sertão do Seridó cuja mão deu forma ao jardim de esculturas da casa do poeta, seu colecionador.

O caderno biográfico do estudante de poesia Francisco Ivan registra o fato de haver feito da convivência com os concretistas uma escola: tornou-se poeta. Suas artísticas publicações em prosa, de rigor investigativo exemplar, encontram-se à espera de estudo para diálogo com sua poesia lançada ao público em *Ensaio poético* (1997); em *A chave azul* (2002); em *Azul grego* (2007a); em *Thálassa* (2008a); em *Signos in Excelsius* (2015); em *Hieróglifos* (2015); em *Sertanejo no mar* (2018).

Dito já algo sobre o poeta Francisco Ivan, para explicar nosso título, digo agora algo também sobre uma palavra talvez meio enigmática para o leitor: ‘antologia’. Toda vez que se comenta a poesia de um escritor já se está fazendo uma delimitação antológica. A palavra ‘antologia’, pois, refere-se a um tipo de livro caracterizado por ser uma delimitação de uma parte de um conjunto amplo de músicas, histórias, poemas de um certo autor ou de determinados autores de uma época, de um país, de uma região, de um estilo. Pode também ser chamada de antologia uma parte da obra de um dado autor reunida sob certo critério. Pode ser o de reunir os mais famosos trabalhos ou os considerados melhores para o editor de um tal livro antológico. Sob a metáfora de que as obras compusessem um jardim, os gregos chamavam a reunião antológica com palavra que significa “coleção de flores”. Daí vem o nome de ‘florilégio’, guirlanda para uma coleção artístico-literária.

A PRÁTICA ANTOLÓGICA

A ação de reunir obras poéticas em livro é antiga, pois, não obstante papiros indicam ser Aminta, que provavelmente viveu na segunda metade do século II a.C., quem tenha sido o primeiro antologista grego; Meleagro de Gadara, poeta do século I a.C foi quem teve influência sobre a tradição de compilação de poesia grega com efeito sobre a *Antologia Palatina* e a posterior *Antologia Grega* (AMARAL, 2009). Esse antologista grego empregou nomes de flores e de arbustos para homenagear os autores dos epigramas, contemplados em sua recolha, nomeada metaforicamente com o título de *Guirlanda*. No nome da mais famosa antologia da literatura brasileira de retirada numerosa inicial de poesia de manuscritos para ser editada impressa, o *Florilégio da poesia brasileira*, de Francisco Adolfo de Varnhagen, está uma reminiscência desse modo de denominar a compilação poética iniciado na Grécia.

Vem dessa iniciativa inovadora de chamar aos poetas por flores o fato de, em botânica, uma antologia ser o nome para uma coleção de flores. Em diálogo com essa tradição cuja etimologia revela que a palavra se originou do grego *anthologias*, “coleção de flores”, este livro, como seleta de obras do poeta Francisco Ivan, poderia ser chamado florilégios, porém não há a proposta de reunir uma coleção do que se considere o melhor, pois os poe-

mas estão reagrupados por temática para constituir um fazer criativo com sua leitura compartilhada com o público. Como o critério de seleção e de ordenação dos poemas a seguir disponíveis aos leitores foi o potencial de ilustrar uma narrativa cogitada para esta reunião antológica, seria inadequado tratá-los por flores. Não foi o sabor do perfume e das cores a encantar a recepção editorial a motivação para incluí-los neste livro, mas seu potencial de envolver o público em experiência fruidora ao lê-los linearmente para recuperação de uma linearidade implícita nas obras de onde foram selecionados.

Como em *hipertexto* com *links* semelhante as publicações em páginas da Internet para leitura a torto e a direito, o agrupamento de poemas fiz para meu deleite com *post-its* e cliques em cada página de suas obras. Tanto gostei daquilo que fui lendo enquanto pintava na imaginação que decidi fazer conhecer o meu sertanejo jardineiro das linhas temporais no mar da vida. O poeta dos textos reunidos faz uma parada em seu jardim para rememorar ltuosamente uma perda; visita o mar em busca de comprazer-se solitariamente em seu contentamento; parte para o sertão em afã de se reencontrar nostalgicamente em suas primícias; retorna ao lar jardim-biblioteca para se reaproximar de si. Em todo esse trajeto, pode o leitor já acompanhar o poeta na seção de poemas sob os quais anunciei como os li nessa narrativa de náutico experimento, mas ofereço outras palavras mais a quem possa esperar por eles.

Para funcionar como exemplo de maestria de antologismo, tomo a seleta elaborada pelo poeta Francisco Ivan da Silva: a *Antologia hispano-brasileira* (2014) de poetas da Geração de 27. O meu poeta navegante dos mares da memória fez reunião de textos de leitores poetas do mestre do barroco Don Luís de Góngora (1561-1627). A tentativa pioneira de reunir antologicamente amostragem da poesia de Francisco Ivan vai aqui inspirada em seu trabalho editorial, por ser ele um prototípico ato leitor em seus efeitos. Com a modéstia de saber ser incapaz de atingir tanto, este livrinho sonha em um dia ser tido como reunião antológica participante da história de leitura do poeta no conjunto das consolidações críticas capazes de ressignificar-ampliar o cânone poético. Este mesmo livreto quer proporcionar ensino, mediar leitura, divulgar arte como marco na recepção da poesia ivaniana sob a luz dessa possibilidade, como é um marco renovador da recepção da obra dos poetas espanhóis a edição de *Antologia hispano-brasileira* (2014).

A tentativa lançada aos olhos públicos é de ser crítico-inventivo o ato editorial antológico da obra Francisco Ivan para fazer jus à poesia reunida com a compreensão de que sempre estará aquém do rigoroso horizonte estabelecido para editores que estudem a seleta *Antologia hispano-brasileira* (2014). A obra é marcada pela inexistência de palavra vã, nenhuma vanidade, nenhum lugar vazio há em seu estudo introdutório: repete como poesia em prosa ensaística, amplia como teoria-ensino-esclarecimento da tradução poética. A publicação bilingue é acadêmica sem academicismo, com discurso de um professor no didatismo e com voz de poeta na dicção para fazer entender a sincronia barroca na cultura hispano-americana. Mesmo sem esse alcance constatável na *Antologia hispano-americana*, re-

sultante de milhares de poemas visitados sob auxílio de lupa na solidão de quem perscruta o insondável, descobre o inesperado para, generosamente, reapresentar, a quem deseje gozar poesia, a compilação antológica da obra ivaniana constrói um poeta viajante em uma antologia de reinvenção dos poemas reunidos.

A seleção reordenada de poemas apresentada ao público inspira-se na antologia prototípica quanto a aspectos específicos da obra responsáveis por sua eficácia frente às de sua categoria. Trata-se da *Antologia hispano-brasileira*, organizada por Francisco Ivan da Silva e Carmen Comino (2014), publicação paradigmática para orientar o trabalho de antologistas quanto à intervenção crítico-criativa que a leitura concretizada pelo livro realiza na recepção das obras reunidas. São aspectos da intervenção editorial no legado da chamada Geração de 27 a serem imitados por esta reunião de poesias de Francisco Ivan o constatado rigor quanto aos critérios de seleção. Assim como a mostra poética sofre a determinação de obras reunidas por operarem recepção estética da poesia de Dom Luís de Góngora, esta reunião poética congrega poemas cuja associação deixa ver uma narrativa, de forma que tanto a antologia poética bilíngue com textos em prosa e em verso quanto a seleta ivaniana são organizadas para compartilhamento de vivência de leitura de poesia a fim de mediar a fruição de outros leitores.

O público para o qual se destina a publicação com poemas em espanhol é explicitado como composto por aqueles que amam poesia. A obra, porém, inclui mais leitores por ser uma ação didática de fazer entender o processo de leitura, de tradução e de edição poética como atos criativos. O ensino oferecido pelo livro que inspira este nosso é mediado em uma fala saborosa de um docente artista, uma prosa de sintaxe envolvente, posso dizer, para seduzir o público a querer ir além de cada elemento composicional, caso comece a ler pela capa, pela orelha ou pela quarta capa do livro. Menos ambicioso no que se propõe a oferecer, esta seleta ivaniana quer ter seus elementos composicionais (capa, orelhas, prefácio, notas biográficas, textos selecionados, imagens) todos concatenados entre si para ganhar você, leitor-leitora, para a poesia pelo prazer do ato de ler, para criar para si seu poeta, como o criei para mim.

Assim como na seleta bilíngue a verificação de nexos entre os elementos composicionais é explícita no texto de introdução, este estudo apresenta estes esclarecimentos de ordem teórico-reflexiva frente aos textos selecionados para publicação com intuito de conduzir sua atenção leitora a aprender uma possibilidade de interpretação para os poemas. Com menor pretensão do que aquilo que atinge a *Antologia hispano-brasileira* como edição em sua potencialidade para intervir na relação autor-obra-cânone de modo inovador, a reunião poética, devido à sua atualidade quando da publicação por ser pioneira, corporifica-se como inovadora em seu fazer atualizador de leitura das obras selecionadas.

Haverá de permanecer atual esta nossa edição ivaniana posta agora diante de seus olhos por ser criativamente composta de modo singular como experiência de concretização

de leitura. Para quem possa ter acesso fica o convite para fazer as suas próprias interpretações dos poemas na seção seguinte a introdução, esperando para serem devorados. Por um lado, a edição feita por nosso poeta é resultado de investigação sobre Góngora para a antologia barroca de obras da Geração de 27 com a criatividade de fazer reunião de poemas com textos de Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Augusto dos Anjos. Por outro lado, nossa antologia feita para a poesia de Francisco Ivan se inspira na criatividade de editor ao resultar de reiterada fruição dos poemas reunidos de forma a permitir arquitetar uma leitura explicitamente narrativa para textos cuja narratividade se estabelece pela associação poema a poema.

Quando de alguma análise que a obra posta agora em suas mãos venha a receber, por certo quem ofertar o apreço de frequentar esta exposição de amostra de poemas terá seu tempo precioso de leitura como honrado. A singela criatividade de evidenciar narração onde poderia não ser vista garantirá a validade do fazer antológico em seu momento histórico de leitura. Considere-se quem leia este primeiro ato de reapresentar a poesia de Francisco Ivan em edição antológica livremente incentivado para fazer proativamente sua recepção a buscar outra imagem de homem poeta que não a do navegante do tempo nas horas difíceis encontrado na ordenação dos poemas estabelecida logo adiante. Você que leia o meu poeta pode promover para si o acréscimo do aprendizado necessário para compreender as obras outras não elencadas aqui. Às reuniões antológicas subjaz uma concepção de língua como matéria de trabalho criativo no contexto sócio-histórico, cuja descoberta-construção de sentidos advindos da comunicação poética a minha forma de crítica compreensão deseja compartilhar na forma desta antologia.

Outras informações sobre a natureza de um livro denominado de antologia podem fazer quem me leia ter a certeza de que vale seu esforço de se deter a conhecer o poeta representado logo mais. Esta antologia da obra poética de Francisco Ivan quer imitar a antologia editada por Francisco Ivan também em aspectos gerais próprios do antologismo. As antologias não somente têm sua eficiência na concretização de seus objetivos e na representatividade das obras que reúnem para editar segundo delimitações estabelecidas, mas ainda possuem, na existência de intento de instaurar discurso educativo, sua razão de validade como bem cultural de importância similar à das obras editadas.

Meu intento é compartilhar minha convivência com o autor para fazer decorrer dessa oferta de experiência potencial intervenção educativa de sua proficiência de leitura recreativa e recreativa de poesia, meu leitor, minha leitora. Sendo a função geral de uma antologia afetar o público como uma forma para ampliar ou infundir o prazer por certa leitura, esse meu poeta da noite e do dia, das estações chuvosas e das paisagens secas, do mar e do sertão, está nesta seleção de suas obras para poder formar gerações de leitores a fruir e a repassar a herança cultural nossa como povo. Não somente os estudantes secundaristas ou os universitários em geral, mesmo os estudantes de letras, necessitam de instrumentos de

ensino e de paixão para se envolverem com a cultura literária vernácula, mas a sociedade como um todo. Eficaz em seu fazer editorial, a *Antologia Hispano-Brasileira* é inspiração para a seleta ivaniana nesse intuito de religar público-universidade-poesia.

Ainda uma palavra a mais quero oferecer sobre antologia presente em nosso título *Um poeta em leitura ficcional: Francisco Ivan da Silva, a prática antológica, o signo barroco* antes de pensarmos a palavra “barroco”. O lugar das antologias na recepção poética é o de prática de crítica com diálogo entre os organizadores de livros a apresentar os poetas às atuais gerações de leitores. Uma ida a livrarias virtuais ou físicas faz constatar um retorno da chamada crítica (a prática profissional de estudar obras ofertadas no mercado de publicações) ao antologismo como espaço público de debate-validação de obras poéticas. Os editores de antologias podem equacionar a distância da academia em relação ao cotidiano, uma ação relevante para fazer a poesia ter espaço social na experiência de leitores contemporâneos. O fazer dos antologistas contribui para que a literatura canônica e o reconhecimento acadêmico se afirmem como elementos da realidade social pela formação de leitores que se amparem em critérios estéticos, mesmo sendo sujeitos a quem o mercado visa para fazer consumir, mas não meramente movidos por estratégias de cunho mercadológico. Quem leia esta minha invenção de poeta ao meu sabor, guiado por saberes construídos por quem se dedica a estudar poesia com seriedade e rigor, está surfando na onda da atualidade.

Continuo esclarecendo as implicações do uso da palavra ‘antologia’ no nome deste nosso ensaio com o seguinte: o antologismo é ponto de convergência das universidades com as editoras. Os livros antológicos fazem uma transposição didática do discurso crítico. A leitura crítica das obras em pesquisas acadêmicas construídas com apoio na teoria literária é traduzida para o entendimento do público em geral em edições antológicas eficazes para fazer vender livros com base em suas qualidades artísticas. Tanto para poetas imortalizados por suas obras serem relidos reiteradamente por gerações de leitores, sejam os de vivência intelectual permanente, sejam os de experiência leitora escolar; assim como para poetas com obra ainda em estado de validação crítica para ter seu valor como bem cultural a ser lançado ao lugar de herança a ser repassada às novas gerações; as edições antológicas constituem-se como lugares de diálogo de especialistas com o público. Ambiciono uma prática educacional atual com meu diletante apreciar dos poemas tanto em seus valores intrínsecos como em sua reordenação apresentada para sua leitura fruidora.

Digo ainda mais sobre a prática de publicar antologias na recepção de um poeta: trata-se de um conjunto de marcas de leituras abertas permanentemente à continuidade. A leitura de uma antologia pode ir além do propósito de educar os sentidos para fruição artística, pois pode mesmo atingir a interferência formativa de um aprendizado para uma vida de superação de dificuldades em nome de um ideal. Um antologista pode educar pelo exemplo, como o faz Francisco Ivan com a edição da poesia da Geração de 27. Além disso, assim como terem seu funcionamento como lugares da prática crítico-criativa e de memória da recepção

poética, as antologias são populares instrumentos de aprendizado para orientar maneiras válidas de leitura de obras de um determinado escritor, por isso funcionam como estímulo ao aumento de desempenho pedagógico.

As antologias são significativas para economizar tempo no intuito de promover ensino-aprendizado de um autor específico. Mais que isso, os livros de leitura-divulgação poética documentam o *devoir* histórico em que se movem os poemas de era a era de gerações de leitores. Por isso, o valor crítico-criativo de uma edição antológica não é verificável se o conjunto amostral deixar de funcionar para validação de estudo integral de uma obra. Também será de pouco valor uma seleta se deixar de funcionar como um guia para a obra completa de um poeta. Também não pode ser uma antologia limitada a constituir um apanhado de poemas referenciados pela voz do antologista a reuni-los em um livro sem mediação para os leitores fruírem e sem critério de coleta das obras se se pretende verificar sua validade crítico-criativa. Fique quem leia já suficientemente advertido de que seu engajamento será recompensado ao ler os poemas reunidos encimados com títulos criados, as chamadas didascálias, para orientar a leitura. Também seu voluntário ou profissional envolvimento com este livrinho será recompensado com o provável aprendizado de como fazer para si a imagem de um poeta para o crescimento em sabedoria no prazer de ouvir sua voz.

A seleta comentada por este ensaio *Um poeta em leitura ficcional: Francisco Ivan da Silva, a prática antológica, o signo barroco* sustenta-se em ofertar à leitura como sendo exemplar a exercer atividade antológica de funcionar como um rito de entrada de estudantes na experiência de formação de uma cultura literária. Há um leitor adormecido em cada estudante a ser despertado por um professor, tal como Francisco Ivan da edição bilíngue, tal como pode ser uma professora esta edição antológica. A mediação antologista pode permitir o contato de sujeitos por via poética principalmente quando com a singeleza própria das obras recortadas dos livros de Francisco Ivan.

Os livros pesquisados para compor a foto de poeta navegante, errante viajante, do tempo foram *Signos in excelsis*, *Azul grego*, *A chave azul*, *Hieróglifos*, *Thálassa*, *Ensaio poético e Sertanejo mar*. De sete reuniões poéticas foram pinçados os versos tornados antológicos por via da criação da imagem de um poeta como homem de sabedoria no compartilhamento da contemplação de si enquanto fotografa o cotidiano da intimidade de um jardim, de suas reflexões no mar, das surpresas de suas andanças, dos achados de sua biblioteca. Embora não seja fruto tão maduro quanto a *Antologia hispano-americana* é desde seu aparecimento por ter sido brotada de dias e dias de leitura dialogada com estudantes e pesquisadores brasileiros e estrangeiros, além dos diálogos com professores falantes nativos do espanhol, assim como de incansáveis buscas por descobertas bibliográficas, e da conquista das palavras excelsas em dicionários; esta ficcionalização poética do homem poeta quer ser também doce tanto quanto a seleta espanhola editada pelo poeta estudado aqui.

A palavra ‘antologia’ em seu nexos com ‘jardim’ já pode ser bem entendida por quem acompanha estas linhas de reflexão introdutória aos poemas de Francisco Ivan, mas a palavra ‘barroco’ lá do título vai exigir ainda outro parágrafo. Já o ‘revisitado’ conto por qual motivo o escolhi, mas somente ao final do livro, depois de poemas, fotos e comentários.

O SIGNO BARROCO

A palavra ‘barroco’ do nosso título *Um poeta em leitura ficcional: Francisco Ivan da Silva, a prática antológica, o signo barroco* exige ao menos dois esclarecimentos que me vejo obrigado a oferecer. Um, diz respeito à história de seu uso para valorar a poesia seiscentista. Outro, diz respeito ao alcance de sua adoção para ler a poesia ivaniana.

Os comercializadores de joias da Península Ibérica do século XVII, como havia em franca atuação na Índia, por exemplo, puseram a palavra em circulação para adjetivar as “pérolas irregulares” ainda hoje comercializadas segundo critério técnico, chamadas assim pelo mercado “barrocas”. As pérolas com esfericidade metrificadas, percentualmente aferidas como imperfeitas, eram chamadas barrocas, uma retomada do termo empregado em livro medieval de lógica silogística. No registro do prazer de contar que tenho comigo a obra seguinte citada tenho algo a mais além de instruir sobre a palavra quem me ouve nesta linha.

A obra de onde advém o registro de emprego do termo ‘barroco’ com margem para uso estigmatizante foi reeditada pela coleção *Yale Library of Medieval Philosophy*. Nas páginas 331 e 332 da edição de 2001 da *Summulae de Dialectica*, o pensador medieval John Buridan, estudioso de lógica explícita, comenta o silogismo, o jogo lógico chamado “barroco”. Trata-se da associação de ideias com uma assertiva a funcionar como premissa maior de alcance universal associada com uma assertiva a funcionar como premissa menor de âmbito particular para levar a uma conclusão negativa em particular [*The fourth mode consists of a universal affirmative major and particular negative minor concluding to a particular negative*] (BURIDAN, 2001, p. 331-332).

Quando observamos um exemplo do que esse tipo de estrutura de encadeamento lógico de proposições permite, entendemos o emprego do signo ‘barroco’ como sendo para gerar uma apresentação negativa para o leitor. A obra de Buridan exemplifica assim um silogismo por ela chamado “barroco”: “todo homem é um animal; alguma pedra não é animal, logo alguma pedra não é homem” [*for example, ‘Every man is an animal; some stone is not an animal; therefore, some stone is not a man’*] (BURIDAN, 2001, p. 331-332). Se, do ponto de vista lógico-estrutural, não pode haver problema com o nexos entre as assertivas, para um pensador como John Buridan (ca. 1300-1362), para quem o nexos nomes-linguagem, pensamento-realidade, são de grande relevância, a silogística relação denominada “barro-

ca” é predicada assim para significar semanticamente ridícula, embora válida logicamente. Advindo dos estudos medievais, chegado à boca de joalheiros, o uso de “barroco” ocorre para estigmatizar alguns elementos arquitetônicos inovadores no século XVII tidos como bizarros pelo século XVIII.

Vem deste nome ligada à fórmula para relacionar ideias usada no medievo [a palavra BA-RO-CO, embora pareça estranho para nós do século XXI, fazia sentido à época ser usada como mnemotécnica (o A é premissa maior universal afirmativa, o primeiro O é a premissa menor e a conclusão é o segundo O)], a que os escolásticos designavam um dos modos do silogismo tido como raciocínio estranho, tortuoso, a origem de sentido pejorativo do signo ‘barroco’. A absurda conclusão barroca de que “alguma pedra não é homem (BURIDAN, 2001, p. 331-332)”, como é o exemplo dado por John Buridan, resultaria em uma forma de pensar que confunde o falso com o verdadeiro. As artes do século XVII receberam a adjetivação de “barrocas” como forma de criticar supostos excessos e irregularidades, tais quais os encontrados pelos joalheiros em pérolas, de um estilo tido como decadente por degenerar princípios clássicos. A poesia seiscentista, assim como a arquitetura, a pintura, durante muito tempo, foi considerada mais baixa, tida como de mau gosto, extravagante, contorcida e artificial em composição dada de modos injustificáveis e incompreensíveis para o olhar do século XVIII.

Quando nosso título *Um poeta em leitura ficcional: Francisco Ivan da Silva, a prática antológica, o signo barroco* diz “barroco”, não é esse sentido rebaixador o que se deseja despertar na mente de quem leia os comentários aos poemas de Francisco Ivan. Outro é o sentido de barroco quando vamos evidenciar aspectos de sua poesia sem nem mesmo já retomar diretamente essa noção seiscentista. Nem o sentido físico da forma das pérolas, nem o sentido lógico das relações, pois não se trata de uma poesia silogística ou diacrônica a dos poemas reunidos neste livro. Do conjunto das obras do século XVII, surge a evidência de uma forma estética e de uma expressão psicológica, primeiro como forma de depreciar as artes seiscentistas; depois como maneira de validar o legado artístico. Quando esta antologia situa a poesia de Francisco Ivan diante do signo “barroco” quer fazer ver aspectos atemporais responsáveis por fazer da instauração pública de um discurso, seja em livro, seja na internet, uma voz poética a um só tempo singular e universal com a primazia do dizer sobre o dito, com representação do humano em suas inquietações.

Durante o século XX, ocorre uma guinada na valoração atribuída às artes seiscentistas de forma a mudar de pejorativo a valorizado um objeto predicado pelo termo “barroco”. Os poetas da Geração de 27 participam dessa mudança de rumos, como faz ver na *Antologia hispano-brasileira* de 2014 o antologista Francisco Ivan, bem como faz consolidar em sua ensaística desde ao menos *O Atheneu revisitado*, de 1985. Aqui já revelo de onde vem o “revisitado” do Capítulo 3 de nossa seleta ivaniana chamada “um jardim revisitado”.

Para saber mais sobre a virada dos estudos artístico-literários quanto à valoração implicada no uso do signo ‘barroco’, a ensaística de Francisco Ivan é salutar. Ao menos desde quando compôs *O Atheneu Revisitado* para a revista da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, eis, repito, o “revisitado” do título deste livreto, o poeta Francisco Ivan vem construindo uma ensaística de valor educativo para os sentidos do intelecto de quem se sente para silenciosamente ouvir os ensinamentos sistematizados na escrita longamente tecida e retecida. Os ensaios são por certo uma doação de compenetrado refletir com recepção artisticamente documentada. Além de possibilitarem educar pelo conjunto de relações verificadas na escrita proveniente de mente intelectual de formação madura com início sob disciplina monástica, tais ensaios deleitam quem os estuda pela prosa poética a ser bela enquanto fala de beleza. Os ensaios de estudos poéticos da vida intelectual de Francisco Ivan da Silva fazem ver a consolidação do triunfo do barroco na superação do uso depreciativo da palavra por críticos e historiadores da arte.

Nenhuma sombra há de significar barroco como bizarro, excessivo ou ridículo como fora o seu uso remoto iniciado na segunda metade do século XVIII. Na ensaística ivaniana há a conotação de arte rica em significados e em formas para educar os sentidos tal como foi sendo revalorado o legado do século XVII ao longo do século XX depois de ser antes depreciativamente tratado inicialmente quanto às artes figurativas, posteriormente quanto à arte poética. O triunfo do barroco como categoria crítica tem indícios de sua consolidação quando Francisco Ivan publica *O Atheneu revisitado* em 1985; *Oswald de Andrade e a consciência crítica na literatura* em 1994; *Relações lutilúdicas no Grande Sertão: Veredas* em 1998; *As dobras do erótico no discurso poético* em 2001; *Do barroco* em 2004; *Federico García Lorca, barroco, mais ainda....* em 2005; *Grande Sertão: barroco* em 2007b; *Da América que existe: ficção e realidade* em 2009a; *Augusto dos Anjos dos deuses e dos diabos* em 2009b; *a Odisseia inacabada de James Joyce* em 2014b. A vertiginosa lista de nomes e datas compõe-se como amostra de um itinerário poético de reflexão voltada para o barroco publicada concomitantemente com um fazer poético. Haveria alguma luz nos ensaios para iluminar os poemas? Essa chama será acesa por outro estudo porque, por agora, apenas desejo convidar o público a apreciar os poemas ivanianos como exibição da linguagem no que há de articulação poética para aguçar os sentidos de quem leia a fim de imprimir-lhe significados: prática barroca. Em suas novas representações do mundo e da vida a partir dos poemas, o poeta é um praticante do barroco como categoria estética.

Inescapavelmente há algo de barroco no reino da linguagem ivaniana a ser ainda perscrutada para o intercruzamento de suas investigações acadêmicas e de suas inferências eruditas com seus poemas, posto o fato de sua vida intelectual coexistente com a artística somente se poder cogitar como convergentes. De toda forma, como mais indicação de onde buscar saber mais sobre a obra de Francisco Ivan da Silva, tem-se a indicação de seus *Ensaios para um concerto barroco*, de 2013 e de *Do barroco – um ensaio, dois poetas: Caviedes e Gregório de Ma-*

tos, de 2019 como pontos culminantes de sua ensaística poética de ensino para aprender o amor pela poesia e pelos livros. Quando faço compor esta pequena antologia para que todos saibam da poesia de Francisco Ivan, sua obra segue sendo tecida em poesia ainda no prelo e ensaística para debate. Exemplos de difusão do barroco afastado de carga pejorativa por ser adotado como categoria crítica de poesia em prosa ou em verso, cuja centralidade é a teatralização dos signos linguísticos para complementação deleitosa do leitor, há os ensaios *Borges: do autor ao leitor sob o signo barroco* (2020a), assim como *De Góngora a García Lorca: fenomenologia da poesia* (2020b).

Vou ampliando assim meu ensaio a partir de seu título para capítulo desta antologia como sendo de paródia, de escrita paralela, de imitação dos títulos do poeta antologizado, pois dos ensaios ivanianos referenciados a seguir neste parágrafo vem o colocar signo ‘barroco’. O poeta ensaísta reúne em *Colóquios* estudantes e pesquisadores em uma congregação de vozes em discussão em torno do triunfo de senhor barroco como estilo posto no trono da expressão americana. No Colóquio barroco de 2008b, o poeta situa *Anchieta sob o signo do barroco*; no Colóquio II, de 2011, apresenta *O antilírico barroco: João Cabral de Melo Neto*; no Colóquio III, de 2012, estampa *a poesia barroca brasileira na Idade do Ouro*; no Colóquio IV, de 2017, compartilha os *Sabores e saberes da poesia barroca de José de Anchieta*. Francisco Ivan da Silva filia-se a uma constelação de intelectuais para lançar mais luz sobre a poesia seiscentista no firmamento em que escritores existem lado a lado sincronicamente tal como chegam ao mesmo tempo segundo nossa percepção natural as luzes de estrelas de diferentes idades.

De modo algum mais é o signo “barroco” uma convenção motivada pelo uso para associar artes à imperfeição como termo bastante pejorativo que fora antes do debate do qual a ensaística é participante e do que sua poesia é ampliadora. Francisco Ivan concebe o barroco ao lado do que é atestado por Eugenio D’ORS (*O Barroco*, 1927), para quem trata-se de um “*eon*”, um dentre outros elementos constantes na história, portanto como forma artística transistórica não limitada a um período. O classicismo seria racional, masculino, apolíneo, enquanto o barroco seria irracional, feminino, dionísio. Sempre que, para Eugênio d’Ors e para Francisco Ivan, forem encontradas num só gesto várias intenções contraditórias, o resultado estilístico é o barroco. Ernest Robert Curtius (*Literatura européia e idade média latina*, 1956) é um dos expoentes dos estudos do mundo barroco, sobretudo o literário, posto aqui ao lado de Eugenio d’Ors. Também ombreado por Francisco Ivan em suas leituras de poetas e de estudiosos que atribuíram ao barroco valor meta-histórico está Severo Sarduy em obras como *Escrito sobre um corpo* (1979) e *Barroco* (1988).

Mesmo que não atinjam uma compreensão do barroco como cosmovisão, podem ser verificadas concretizações da poesia como continuidade de perene fazer maneirista-barroco como “constante da literatura europeia”, um “fenômeno complementar de oposição ao classicismo de todas as épocas”, tal como pensado por Curtius (1996, p. 344). Em sua abordagem ao *Maneirismo*, o autor escreve originalmente em 1956 que prefere chamar Ma-

neirismo ao que se chama barroco devido ao conjunto de associações históricas que essa palavra suscita. Estas páginas dedicadas à poesia de Francisco Ivan querem colocá-la sob o signo barroco, mas quem as escreve está muito longe de ter uma mente literária da vastidão de um Ernest Robert Curtius perceptível pela leitura dos capítulos de magnífico livro de estabelecimento da literatura medieval como transição da antiguidade para as literaturas vernaculares europeias em síntese de Homero a Goethe. Também está a mão antologista aquém da memória literária perceptível na ensaística de Francisco Ivan ao situar a poesia dos versos de João Cabral de Melo Neto e de Federico García Lorca e das prosas de Raul Pompéia e de Guimarães Rosa em uma matriz geracional barroca. Nem por isso quem me leia deixará de ganhar algo nesse debate de visada favorável ao valor do barroco já consolidada. Há algo alcançado ao ser o poeta Francisco Ivan situado diante do signo barroco.

4.4 A ANTOLOGIA DE FRANCISCO IVAN

Antes do alcance, o que não chega a ser esta antologia comentada, embora desejável, é uma reflexão para inserir o talento individual perceptível na poesia ivaniana em uma realidade nem tão individual da tradição poética ou das tradições poéticas imersas nas quais é a vida do leitor Francisco Ivan. Se lidas as expoentes obras das diversas etapas cronológicas da elaboração das artes poéticas, notam os intelectuais um fenômeno artístico: “intemporalidade e temporalidade não somente se confrontam e se relacionam, como se entrelaçam e entretecem, de modo que não é possível separar os respectivos fios da meada” (CURTIUS, 1996, p. 450). A possibilidade de articular intemporalidade com temporalidades é materializada na poesia de Francisco Ivan, que, ao mesmo tempo, é prática situada na tradição e marcada pelo presente.

Como toda obra apenas para a recepção é que que foi feita, por isso compartilho minha leitura na forma de antologia sob a universal condicionante de que sempre será válida do ponto de vista de que é minha leitura e sempre será verdadeira numa tautológica avaliação de que é a minha reconstrução deleitosa do poeta em sua obra. Outros atos crítico-antológicos poderão fazer reconhecer de modo mais explícito os dados barrocos da poesia ivaniana postos dialogicamente seu legado criativo com seu itinerário intelectual para fazer ver dados da arte seiscentista em conjunto de recursos lançados mão como reação imaginativa ao equilíbrio clássico claro e racional. Será, pois, oportunidade para o termo ‘barroco’ indicar o gosto das manifestações artísticas cujo clímax foi no século XVII, mas que sempre está naquelas obras tendentes a enfatizar extremosidades, excentricidades e presunções formais. O limite do bizarro de tanto sobrepor metáforas agudas em serem inusitadas para ser visto como valorizado numa concepção de obra poética como aquela cujo esforço de decifrá-la é recompensado pelo prazer de devorá-la.

Tanto quanto os poetas barrocos tinham plena consciência do caráter “moderno” e inovador do horizonte estilístico e ideológico que alimentaram ou ao qual pertenceram no século XVII, o poeta Francisco Ivan tem absoluta compreensão intelectual da arquitetura e da historicidade do fazer poético artístico que se constrói no século XXI. A poesia de Francisco Ivan nem quer ser uma amante tresloucada do presente passadofóbica; nem uma voz pseudoadâmica de pronúncia indizível; mas é sim consciência constante das heranças de tradições poéticas. O poeta de nostalgia do futuro, da saudade do que não viveu, da fome pelo soneto ainda não lido, articula seu discurso poético em poemas consequentes das escolhas de seu gosto intelectual para fazer poesia dos saberes delas extraídas.

Para fotografar o meu poeta navegante do tempo desnecessário foi criar um figurino, pois ele já se veste assim; mas foi necessário fazer um corte: não entrou no livro o homem conhecedor dos ritos, símbolos, personagens, dogmas do catolicismo. Do catolicismo reminiscente nos poemas ivanianos restou apenas algo da psicologia de permanente exame de consciência, como o praticado pelos jesuítas inventores da análise da psiquê, ensina o poeta. Francisco Ivan conhece a experiência religiosa no que tem de profundo que não consigo descrever aqui, fora dos esquemas ateísmo-deísmo, fé-incredulidade; mas posso dizer de um sabedor da cultura brasileira em seu traço pesado de herança católica sem os ruídos de quem tenha se aproximado do protestantismo aculturador. A vivência religiosa espiritual de sua biografia se deixa ver em poemas postos de largo dessa antologia, pois quem reúne seus textos restringe-se saber pouco daquela espiritualidade que a poética ivaniana ultrapassa. Colocar Ivan sob signo barroco limita-se a mostrar um poeta do tempo da memória a oferecer sabedoria prazerosa a quem o leia na ficção que eu teci para mim agora compartilhada.

Encontradas nos seus *Ensaíos para um concerto barroco*, desde 2013, por exemplo, a convidar quem queira acertar o tom para um debate em torno de poetas postos em concerto; há as pistas para uma nova antologia de outro alcance para mostrar, quem sabe, sensualismo e religiosidade. Outra antologia tornará voz audível os ecos em canto paralelo do barroco largamente estudado pelo poeta conhecedor da historicidade da prática barroca. Haverá oportunidade de mostrar como a poesia ivaniana decanta e reformula o barroco em sua “força estatal” de estilo que “esconde sua arte” para manifestar um “realismo católico” enquanto também marcado pelo “individualismo” de artes usadas como “letras contra armas”, as do poderio religioso-estatal, tal qual é o barroco de poesia para “propaganda moral” (HATZFELD, 2002).

Sabedor vívido da experiência humana místico-religiosa relacionada com a permanência dessa marca histórica constituidora das artes, o poeta pode ter outra imagem de si deixada em outra antologia de sua prática do estilo barroco como “a evidência do sobrenatural”, cujo estudo permite compreender o “ocidente cristão em suas formas artísticas e em sua psicologia seiscentista, qualificando “o espírito barroco como ‘emoções e vivências

religiosas” (HATZFELD, 2002, p. 26) – compreensão aplicável a “todos os países latinos”. A poesia de Francisco Ivan é já outra na prática do barroco que não “a arte e a devoção de Contrarreforma” (HATZFELD, 2002, p. 26); mas sua recriação paródica do rito. Estão ali doces austeridades, em simplicidades complexas, tanto formais como psicológicas.

Mesmo tendo seu caráter marcado pela limitação, como todo recorte por amostragem, esta edição seletiva e recriativa da poesia de Francisco Ivan tem também um alcance, o de revelar um poeta longe de ficar no meio-termo. Há sempre um homem, sim, em decisão radical de superação das noções de instâncias da vida santidade-pecado; material-espiritual. Na caoticidade ordenada da vida, há complementaridades em permanente gradiente integrador do claro e do escuro. O poeta, se considerado como regido pelo princípio da paródia, pode ser tido como respondendo a discursos relativos a temas tipicamente barrocos por via do que pode, então, ser aproximado do signo ‘barroco’. Não é o homem cindido aquele de cada poema de Francisco Ivan como é o das artes do século XVII, pois o barroco praticado pelo poeta do século XXI representa o homem integral em suas oscilações naturais à sua natureza.

Francisco Ivan navega no tempo da memória, marinheiro de lembranças para fazer uma poética de tematização da vaidade, do luto, da instabilidade, da mudança, da melancolia, da solidão, temas tipicamente barrocos. Barroco como estado de espírito de uma poesia sob mesmos motes daqueles da poesia do século XVII em motivos poéticos tipicamente de remissão à natureza, de referência ao sol, do sentimento de transitoriedade da vida, do sentimento de desengano. A poética de Ivan, porém, não é a de sucumbência desesperada do homem carnal do agora frente ao infinito do futuro; mas uma poética de renascimento para espiritual fruir da vida em sua apropriação paródica dos “motivos barrocos mais sérios” que “se referem a *reflexões sobre a vida, o homem e a passagem do tempo*” (HATZFELD, 2002, p. 78).

Vamos concluir as observações etiquetadas como nosso título *Um poeta em leitura ficcional: Francisco Ivan da Silva, a prática antológica, o signo barroco*. Bastante explicado está o quem seja aqui Francisco Ivan da Silva, o que seja uma antologia e o que é o barroco. Cabem agora algumas palavras sobre a composição deste livro como recepção estética de criação ficcional para melhor acompanhar a jornada do artista que viaja na memória e nas linhas do tempo.

A ordenação dos poemas reunidos quer levar a imaginar os textos como integrantes de uma narrativa, ficção, portanto, de episódio de vida de alguém a enfrentar a perda do objeto de seu desejo amoroso. O leitor a percorrer as páginas está já convidado a recriar a história contada pelo conjunto dos poemas para fazer sua própria viagem interior. A ordenação é orientada por novos títulos atribuídos aos textos para dirigir a compreensão de haver uma experiência lutuosa tornada arte sem desesperação. Tão natural quanto o usufruto dos bens da vida também é o seu definhar no tempo: eis o que vai manifesto no trajeto ficcional da historieta reflexiva sugerida pelo arranjo sequencial dado pela ação editorial oferecida aqui.

Este livro é convite a ver o poeta como aquele que ama tanto seus leitores a ponto de sempre se ofertar por inteiro ao doar poesia. Na gratuidade intrínseca do ato laboral de criação artístico-intelectual sempre feita para o outro por natureza; há também a entrega de sabedoria. Se não público, publicado, publicizado, o ato textual é confissão, divagação, idiossincrasia, não há de ser poesia. A antologia vai organizada com a intercalação mútua de vozes poéticas de saudades respondidas com suspiros apaixonados de intelecção. O leitor desse arranjo de imagens de jardim com ecos breves de observação descritiva de cada, digo somente aqui, 'flor' poderá ter em si despertadas as imagens suscitadas pelo relato que os poemas fazem ver. Incito a quem me leia imaginar algo de narrativa sugerida a partir da disposição dos poemas e das observações.

Podem bem viver a experiência poética quem desfrute deste livrinho de entrar via representações mentais num conjunto de sobreposições coexistentes: vagar pelo jardim de flores, de jarros, de mariposa, de aves e de gato enquanto pode ver também na cena o poeta em sua biblioteca dando sua própria dicção aos poemas. O conjunto de imagens fotográficas faz gerar essa ambiguidade salutar para promover a experiência do fenômeno do prazer artístico-poético potencial intencionalmente proposto para fruição. Digo isso para justificar a reorganização dos poemas fora de seu contexto primário em livros particulares a serem ressignificados em livro-coletânea de um poeta.

Imagine a si, pois, quem leia esta apresentação, como um visitante de uma exposição de poemas e de fotografias. Um portal para uma exposição poético-fotográfica será este livro nas determinadas páginas. Como quem a entrar em bosque de poesia com textos mostrados: cada página subsequente emoldura em arco de abertura de passagens em estágios de um corredor longo com mais de cinquenta poemas. Assim poderá ser a leitura com esforço imaginativo. As composições poéticas flutuam em suas mãos nessa virtualidade expositiva sustentadas por si mesmas diante de seus olhos na materialidade das páginas.

As fotos hiperrealistas em alta definição do poeta lendo os livros de publicação dos poemas expostos sugerem sua companhia amistosa recitativa. A disposição assim flutuante parte a parte está nesse corredor por onde você, leitor, leitora, é forçado a passar como determinado percurso, podendo ou não imprimir certa velocidade na passagem. O poeta declamante pode ou não te arrebatara para ler algum poema. A disposição das fotos foi pensada para gerar o efeito de ilusão de óptica de que as imagens fotográficas se movem. Por serem postas em pares com mudança única do olhar, podem fazer o efeito visual de que o poeta com livro em mão olha, encara...

Para concluir este comentário de convite a revisar a poética de Francisco Ivan nesta antologia de ficção, quero ainda me demorar algumas páginas, diante da liberdade de haver realizado leitura ficcionalizada pela ordenação e pelas introduções que estabeleci, pedir mais um minuto para dizer que fui ler o Ivan dos poemas com o Ivan dos ensaios. Fiquei menos tempo do que exige uma compreensão unitária e cabal do fazer investigativo

cotejando a generosa oferta de saberes sobre arte e sobre leitura com a mais generosa ainda doação de criações de poemas. O resultado dessa primeira aproximação, porém, me permite já algumas considerações sobre os poemas, construídas com base na ensaística de prosa poética dos livros de Francisco Ivan.

Há uma sabedoria em cada poema, por exemplo, naqueles cheios de falta, com sua poesia nascida para os leitores viverem não simplesmente a ausência ou a documentação de dados reais da vida do poeta, mas do excesso e do esgotamento de todas as possibilidades de viver. A informação poética se sobrepõe a dados reais, de forma que encontrar o tom com o ouvido para fazer para si o mundo da obra na leitura faz encontrar não uma biografia de alguém consternado ou eufórico, mas a radiografia de um viver silenciosamente artístico-intelectual.

O poeta faz uma experiência mais além do real de suas vivências de há um tempo. O simples arrolamento de dados pessoais em nada tocaria o real da vida de todo leitor que se chega para ler embora não seria poeta se sua obra não fora expressão de sua vida. Nesse paradoxo biografia-ficção se situa o leitor, onde encontra a sabedoria para lidar com aquilo do humano por vezes patologizado pela visão limitada por lentes de preconceção. Eu encontrei esse “onde” quando vi o canto de Francisco Ivan para o império da arte sobreposto ao da dor. Eram segmentos de arte-palavra dispostos como quadros, como esculturas em uma galeria a toda pessoa predisposta a entrar pelas portas de seus livros-mundo. A criação literária modifica a percepção para mudar a compreensão do humano na susceptibilidade de usufruir de beleza de viver.

A língua ivaniana fala na formulação de imagens, na construção de metáforas, na moldura de pintura. Constrói assim o quadro do viver como um deleite, mesmo no conviver com uma dor, mesmo no enfrentar um ardor. Ouvir o poeta doar a percepção do belo, belo existente em tudo, faz também compreender o sábio ofertar do melhor de si, entregue todo em poesia. Nada mais representativo do que a falta para ilustrar caso de vivência humana demasiadamente humana olhada sabiamente como fundamental para o fortalecimento pessoal no processo de cada pessoa se tornar o indivíduo para o qual marcha inexoravelmente para ser.

Com essa nota sobre o luto no lúdico da poesia de Francisco Ivan, eu rubrico a entrada em seus poemas com esse norte de que são peças de amor e dor, isentas de idealizar ou rebaixar essa dualidade humana de rima óbvia. A visada criativa lançada aos pesares está aqui inscrita em placa para quem vai olhar os poemas cuja marca é a novidade da invenção de possibilidade de significado. Parar a cada ponto para apreciar assim o mistério das palavras faz transmutar cada uma delas em variada teia de sentidos como é natural para a leitura. Há, porém, já aqui um ponto para firmar alicerce do fundamento de como ler cada imagem do eu poeta que quero cada visitante converter em espelho para si ao olhá-las na disposição em que se encontram. Todo o dizer artístico das obras postas a cada

página tornadas salas de exposição é apresentado desde agora como marcado pela cor da perda lutuosa sentida no horizonte da trajetória humana sempre doce e amarga como é.

Ler os poemas de Ivan com a ensaística de Ivan ao lado implica perceber uma sabedoria da beleza em converter ausência em memória para lidar com a falta; não lamentação interminável. Tudo oportuno, importa ver sua declamação com ato de falar do que é triste; mas em um dizer sábio no manejo da dor do luto em sua força vivificadora. Os chamados contrários sofrer-gozar estão sempre na paixão com seu misto constatado de ascensão e queda, de impulso e parada. A paixão é o tema central do *Barroco* estudado e praticado pelo poeta Francisco Ivan, tanto quanto ele também ensina em seis ensaios ser central o tema da memória. Lembrar disso me faz, meu leitor e minha leitora, querer me dirigir ao poeta com as palavras dele mesmo. Quanto luto e quão lúdico é teu verso, poeta: “Lutilúdico” na identidade. O teu fazer é um segredo na confissão de um estado do eu embora não ajas em um dizer para fazer saber, pois não é poesia como pedagogia a praticada; mas atuar em um sentir para fazer ver.

Quantas vezes será natural ao humano murchar perdendo todas as cores na negritão para poder se transmutar em vida outra vez? A viagem do poeta como marinheiro do tempo ensina essa sabedoria necessária a uma ciência do bem viver. Não foram imagens mentais de pétalas fechadas em botão a caminho da morte em tons de um gradiente para o cinza; mas um sobreviver de engasgo que surgia em mim ao ver a página branca com os *Signos In Excelsius* da transição e do estado de alma no centro da página branca. Fui vivendo cada palavra de pétala em pétala, de canto em canto. Penso sentindo tropeços e recomeços quando vejo. Trago agora ao leitor a chance de aprender a ver nas cores da poesia de Francisco Ivan, praticante declarado do barroco como encenação primordial da palavra elevada frente à qual, digo eu, aprende-se sobre ser.

A metáfora da flor que é em si representação da conversão do belo resplandecente em cinza turva, em pó, em nada, a que tanto valorizaram os poetas barrocos estudados na ensaística de Francisco Ivan, está em seus poemas. Não em silogística persuasiva cadeia de advertência moralizadoras como as do século XVII, mas na beleza de uma advertência sobre o entregar-se ao momento de beleza e de dor como salutares para a vida está audível na voz do poeta na jornada de sua viagem aos sertões da alma, no enfrentamento da imensidão de um mar mítico literário, na amargura de um jardim solitário. Deixar cair a alegria em um mundo de hedonismo patológico de encenação de plenitude perene é palavra sapiencial oferecida pelo navegante do tempo: fala de si? Pouco importa ao leitor se ouve a admoestação metaforizada pela natureza precível.

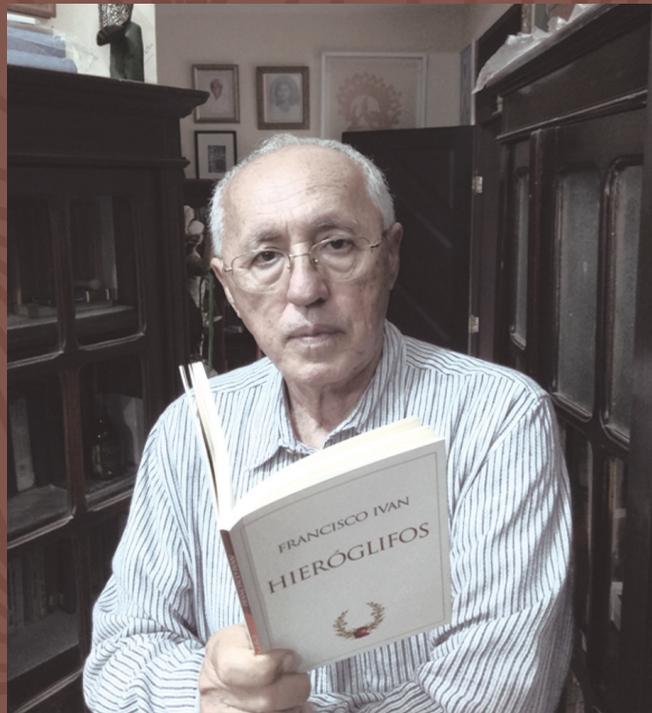
A morte não é fim, não a morte como fim da vida, nem a continuidade como algo de metafísico; mas a morte renascimento: imagem linda lutuosa, no dizer do poeta, “lutilúdica”: luto, luta, lúdico (IVAN DA SILVA, 2019, p. 317). O poeta faz ver poesia onde poder-se-ia pensar que ela não existisse. O tom das palavras é solene, solenemente litúrgico,

de forma que as obras colhidas nos livros originais fazem a acolhida de uma visão de coisas de harmonização reflexiva dos opostos em vida. Adorna o jardim de morte a vida, habita o jardim da solidão o êxtase:

consciência clara, inclusive, da morte: e a morte está sempre presente na poesia barroca, como pêndulo do eterno vaivém da vida humana: morte e vida; por isso o poeta alveja na distância a morte no poema. O poema transfigura a consciência violenta da condição humana; consciência da carne e da armadilha traidora da própria linguagem humana (IVAN DA SILVA, 2019, p. 317).

Os vasos de prata com flores brancas coexistem com a bromélia florescente; o beija-flor ínfimo habita a poesia da imensidão marítima do sertão. Se não é de se especular biografismo, ao menos a biografia intelectual presta-se a ensinar a ler a poesia de luto e de vida:

é preciso ver que a relação entre a vida do poeta que escreve e sua poesia não de causa e efeito; o elo entre a vida real do poeta e sua poesia é, a um tempo, necessário, paradoxal e até imprevisível. Poesia não retrata a vida; poesia é criação; o poeta cria; ao criar revela. Toda criação é revelação (IVAN DA SILVA, 2019, p. 279).



5

UM CONVITE À RELEITURA

A sequência de poema é joalheria com ditos valiosos como pérolas de verdades por vezes chocantes, arquitetadas não para uma função decorativa de arte pela arte, mas para deleitar enquanto instrui com regras de bem viver. Por vezes, em estilo altamente ornamentado pelas metáforas elevadas; outras, com a marca simples do flagrante de um instante; nunca os poemas são de um dizer atormentado; mas sempre de um sábio professor. O refinamento de fazer o prazer da poesia na tematização da dor nunca implica um abuso de criação por ser sempre um realismo de vida.

As pérolas sapienciais do poeta prestam-se a harmonizar as irregularidades da vida como corriqueiramente é ela de derrota e triunfo, de dor e gozo, de canto e de pranto. Percebo assim os poemas reunidos mesmo sendo a precedência da exploração dos signos em suas possibilidades de significados com criados artificios para modos de dizer poéticos o primário na poética de Ivan constatável nos textos coligidos. A leitura dos poemas faz construir, leitor-leitora, suas suposições [de sabedoria], promove o significado de poemas sempre desvencilhados de serem desnecessariamente complicados. Às consciências alheias desta época de início do século XXI, o poeta responde com contrito exame da consciência de si para fazer o humano olhar para dentro de si.

A primeira parte desta antologia assim comentada com o que tenho dito consiste na disposição de poemas apresentados para recepção com a intenção de promover um passeio página a página como se fossem salas de uma galeria. Um curador antologista ordenou as obras para criar uma imagem de artista e de obra para o público visitante para quem são ofertadas legendas postas sobre cada peça exposta para orientar sua leitura. A segunda parte deste estudo antológico consiste na ordenação de textos com comentários de leitura para parte dos poemas apresentados para mediada fruição do público.

Quem revise as palavras declamadas para apreciação mediada pelos comentários tecidos poderá assinar um pacto conotativo tal que passe a construir para si sua ficção. Faço, assim, um convite para visitar os poemas com saída da posição de um espectador da exposição poética para ser um recriador do poeta. Pode o leitor quando

em visita a esta parte do livro atualizar essa proposta ao pensar a elaboração de novas formas de entendimento das mensagens poéticas ao interagir diretamente com os poemas e com os comentários.



REFERÊNCIAS

AMARAL, Flavia Vasconcellos. **A guirlanda de sua guirlanda**. Epigramas de Meleagro de Gadara: tradução e estudo. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BIBLIA Sacra: Vulgam Clementianam. Madrid: Editorial Católica, 1977.

BURIDAN, John. **Summulae de Dialectica**. Tradução Alfred J. Freddoso e Francis E. Kelley. New Haven / Londres: Yale University Press, 2001. (Yale Library of Medieval Philosophy). 1095p.

CAMPOS, Haroldo de. **A arte no horizonte do provável**. São Paulo: Perspectiva, 1969. 240 p.

_____. **Qohélet=O-que-sabe**: Eclesiastes (poema sapiencial). São Paulo: Perspectiva, 2004a. (Signos, 13) 248 p.

_____. Barroco, neobarroco, transbarroco. In: DANIEL, Claudio (Org.). **Jardim de camaleões**: a poesia neobarroca na América Latina. Tradução Claudio Daniel, Luiz Roberto Guedes e Glauco Mattoso. São Paulo: Iluminuras, 2004b. p. 13-16.

CAMPOS, Haroldo de. Ideograma: lógica, poesia, linguagem. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2000. 237 p.

_____. **Minha relação com a poesia chinesa**. Disponível em <<http://www.icm.gov.mo/rc/viewer/30025/1837>>. Acesso em: 27 out. 2020.

COMINO, Carmen e SILVA, Francisco Ivan da (Orgs.). **Antologia hispano-brasileira**. Natal: EDUFRN, 2014. 268 p.

CHNAIDERMAN, Mirian. O sertão era o som do mar no búzio. In: SILVA, Francisco Ivan da. **Sertanejo no mar**. Natal: Sebo Vermelho, 2018. p. 9-14.

CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura européia e idade média latina**. São Paulo:

HUCITEC EDUSP, 1996. 755 p. (Linguagem e cultura, 24).

D'ORS, Eugênio. **O barroco**. Tradução Luís Alves da Costa. Lisboa: Vega, 1927.

ECO, Umberto. **A vertigem das listas**. Rio de Janeiro: Record, 2009. 408 p.

FLOR, Fenando Rodriguez de la. **Barroco**: representación e ideologías en el mundo hispánico (1580-1680). Madrid: Cátedra, 2002.

_____. **La península metafísica**: arte, literatura y pensamiento en la España de la contrarreforma. Madrid: Biblioteca Nueva, 1999.

_____. **Emblemas**: lecturas de la imagen simbólica. Madrid: Alianz Editorial, 1995.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Tradução Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2013. 78 p.

HANSEN, João Adolfo; MOREIRA, Marcello. **Para que todos entendais** – Poesia atribuída a Gregório de Matos e Guerra – Letrados, manuscritos, retórica, autoria, obra e público na Bahia dos séculos XVII e XVIII. v. 5. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HATZFELD, Helmut. **Estudos sobre o barroco**. Tradução Céli Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Stylus 8). 300 p.

JAUSS, Hans Robert. **Pequena apologia de la experiencia estética**. Barcelona: Paidós, 2002.

_____. The identity of the poetic text in the changing horizon of understanding. In: MARCHOR, James L.; GOLDSTEIN, Philip (Org.). **Reception study from literary theory to cultural studies**. New York: Routledge, 2001. p. 7-28.

_____. Estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Tradução Luiz Costa Lima e de Peter Naumann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979a. p. 43-61. (Coleção Literatura e Teoria Literária, v. 36).

_____. O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Tradução Luiz Costa Lima e Peter Naumann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979b. p. 63-82. (Coleção Literatura e Teoria Literária, v. 36).

LA REGINA, Silvia. **Intertextos move-diços**: Gregório de Mattos, Rabelo e Pinto Brandão. Salvador: EDUFBA, 2013.

_____. Manuel Pereira Rabelo, autor de A vida do Doutor Gregório de Mattos: um fantasma da literatura brasileira. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 33-34, p. 169-198, jan.-dez. 2006.

MARAVALL, José Antonio. **A cultura do barroco**: análise de uma estrutura histórica. Tradução Silvana Garcia. São Paulo: Edusp, 1997.

NASIO, Juan-David. **O livro da dor e do amor**. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

REYES, Alfonso. Teoría de la antología. In: REYES, Alfonso. **La experiencia literaria** (Obras Completas de Alfonso Reyes XIV). México: Fondo de Cultura Económica, 1962. p. 137-141.

SARDUY, Severo. **Barroco**. Lisboa: Vega, 1988.

_____. **Escrito sobre um corpo**. Tradução Lígia Chiappini Moraes e Lúcia Teixeira Wisnik. São Paulo: Perspectiva, 1979.

SERRANI, Silvana. Antologias, discurso e memória cultural: o dialogismo em compilações bilíngues de poesia argentina. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S.l.], v. 17, p. 51-66, out. 2015. p. 51-66.

_____. Antologias bilíngues: memória transcultural e ensino de língua. In: SCHONS, Carmen Regina, ROSING, Tania M. Kuchenbecker (Org.). **Questões de escrita**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011. p. 85-113.

_____. **Antologia**: escrita compilada, discurso e capital simbólico. *Alea*, v. 10, n. 2, p. 270-287, jul.-dez. 2008.

_____. Poesia ibero-americana: citações e representações do Modernismo em antologias. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 34-53, 2001.

IVAN DA SILVA, Francisco. O Ateneu revisitado. In: **Arte e linguagem – língua e literatura na educação** (cadernos PUC). São Paulo: Cortez Editora, 1985, p. 111-123.

_____. Oswald de Andrade e a consciência crítica na literatura. In: DUARTE, Eduardo de Assis. **70 anos de modernismo**. Natal: EDUFRN, 1994. p. 31-37.

_____. **Ensaio poético**. Natal: EDUFRN, 1997. 108 p.

_____. Relações lutilúdicas no Grande Sertão: Veredas. In: FALLEIROS, Marcos Falche-ro (Org.). **Scriptoria I**. Natal: EDUFRN, 1998. p. 81-93

_____. As dobras do erótico no discurso poético. In: BAUCHWITZ, Oscar Federico (Org.). **Café Filosófico**. Natal: Argos Editora, 2001. p. 69-86.

_____. **A chave azul**. Natal: EDUFRN, 2002. 183 p.

_____. Do barroco. In: SOUZA, Ilza Matia de (Org.). **Café Filosófico**. Natal: EDU-FRN, 2004. p. 27-68.

_____. Federico García Lorca, barroco, mais ainda.... In: SILVA, Markus Figueira da (Org.). **Café Filosófico**. Natal: EDUFRN, 2005. p. 105-150.

_____. **Azul grego**. Natal: EDUFRN, 2007a. 116 p.

_____. Grande Sertão: barroco. **Limite: Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía**, v. 1, 2007b. p. 123-137. Disponível em <<http://www.revistalimite.es/volumen%201/FranciscoIvan.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2020.

_____. **Thálassa**. Natal: Sebo Vermelho, 2008a. 98 p.

_____. Anchieta sob o signo do barroco. Colóquio barroco. Natal, RN: EDUFRN, 2008b. 408 p.

_____. Da América que existe: ficção e realidade (Jorge Luis Borges). In: BAUCHWITZ, Oscar Federico (Org.). **Borges memorado**. Natal: EDUFRN, 2009a. p. 45-64.

_____. **Augusto dos Anjos dos deuses e dos diabos**. Natal: Sebo Vermelho, 2009b. 292 p.

_____. (Org.). Colóquio barroco: volume II. Natal, RN: EDUFRN, 2011. 435 p.

_____. A poesia barroca brasileira na idade do ouro. In: LIMA, Samuel Anderson de Oliveira (org). Colóquio barroco III. Natal, RN: EDUFRN, 2012. 567 p.

_____. **Ensaaios para um concerto barroco**. Natal: EDUFRN, 2013. 330 p.

_____. Antologia de generaci3n del 27, traduci3n bil3ngue: rela33o com autores brasileiros – introdu33o. In: COMINO, Carmen M.; IVAN, Francisco. **Antologia po3tica hispano-brasileira**. Natal: EDUFRN, 2014. p. 7-35.

_____. Odisseia inacabada de James Joyce. In: IVAN DA SILVA, Francisco; ALMEIDA, Angela (Org.). **Ensaio joyceano**. Natal: EDUFRN, 2014b. p. 9-26.

_____. **Signos in excelsis**. Natal: EDUFRN, 2015a. 203 p.

_____. **Hier3glifos**. Natal: Sebo Vermelho, 2015b. 63 p.

_____. Sabores e saberes da poesia barroca de Jos3 de Anchieta. In: MALDONADO, Reny Gomes; LIMA, Samuel Anderson de Oliveira (Org). Col3quio barroco IV. Natal: EDUFRN, 2017. 527 p.

_____. **Sertanejo mar**. Natal: Sebo Vermelho, 2018. 101 p.

_____. **Do barroco – um ensaio, dois poetas**: Caviedes e Greg3rio de Matos. Natal: EDURN, 2019. 330 p.

_____. **Borges**: do autor ao leitor sob o signo do barroco. Natal: Sebo Vermelho, 2020a. 133 p.

_____. **De G3ngora a Garc3a Lorca**: fenomenologia da poesia. Natal: Sebo Vermelho, 2020b. 43 p.

STANTON, Anthony. Tres antologias: la formulaci3n del canon. In: STANTON, Anthony. **Inventores de tradici3n**: ensaios sobre poesia mexicana moderna. M3xico: Fondo de Cultura Econ3mica, 1998. p. 21-60.



Todos os direitos são reservados à Editora IFRN, não podendo ser comercializado em período de contrato de cessão de direitos autorais.

Em caso de reimpressão com recursos próprios do autor, está liberada a sua comercialização.

A Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) já publicou livros em todas as áreas do conhecimento, ultrapassando a marca de 150 títulos. Atualmente, a edição de suas obras está direcionada a cinco linhas editoriais, quais sejam: acadêmica, técnico-científica, de apoio didático-pedagógico, artístico-literária ou cultural potiguar.

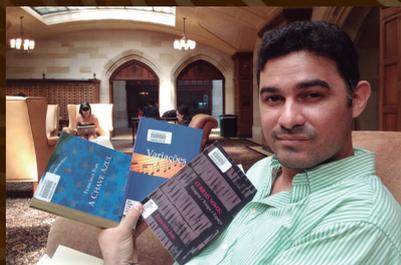
Ao articular-se à função social do IFRN, a Editora destaca seu compromisso com a formação humana integral, o exercício da cidadania, a produção e a socialização do conhecimento.

Nesse sentido, a EDITORA IFRN visa promover a publicação da produção de servidores e estudantes deste Instituto, bem como da comunidade externa, nas várias áreas do saber, abrangendo edição, difusão e distribuição dos seus produtos editoriais, buscando, sempre, consolidar a sua política editorial, que prioriza a qualidade.



editoraifrn

A poesia de Francisco Ivan: marinheiro do tempo e navegante da memória reapresenta 124 poemas em que o poeta vai inteiro em sua solidão, rompida sua intimidade pelo cosmopolitismo das viagens e da biblioteca. Os poemas reorganizados neste livro sugerem significações para a realidade quanto a uma variável de grande peso, o tempo: um problema para nós, um tremendo, tenebroso e exigente problema. Nas sombras de nada do tempo que é nada, a inteligência poética abre um horizonte de visão penetrante para busca do sentido da temporalidade, salutar para nossa época de homens perdidos nos seus labirintos biográficos. Nesta edição, a poesia feita para o intelecto é tomada como memória de experiência de vida convertida em sabedoria aberta para as faculdades centrais do homem, a razão e a fantasia, no lindo do dizer. A antologia é organizada a fim de permitir decifrar para os leitores contemporâneos a simbolização do tempo da memória que há nos poemas reunidos.



Ciro Soares dos Santos é professor de Língua Portuguesa e Literaturas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEL/UFRN), com período de doutorado sanduíche na Universidade de Yale. Mestre em Literatura Comparada (PPgEL/UFRN) e licenciado em Letras - Português (UFRN).

ISBN 978-65-86293-87-6



9 786586 293876 >

